

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

MARIA PAULA DE CASTRO MOURA

**ALÉM DE UM PASSEIO:
a relação museu-escola como chave de acesso**

São Paulo

2023

MARIA PAULA DE CASTRO MOURA

**ALÉM DE UM PASSEIO:
a relação museu-escola como chave de acesso**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Artes Visuais.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

M929a Moura, Maria Paula de Castro, 2001-

Além de um passeio : a relação museu-escola como chave de acesso /
Maria Paula de Castro Moura. -- São Paulo, 2023.
55 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Museus e escolas. 2. Museus - Aspectos educacionais. 3. Mediação
cultural. 4. Educação. I. Coutinho, Rejane Galvão. II. Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 069.07

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

MARIA PAULA DE CASTRO MOURA

ALÉM DE UM PASSEIO:
a relação museu-escola como chave de acesso

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Artes Visuais.

24/11/2023

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho - Orientadora
Instituto de Artes UNESP

Dr^a. Camila Serino Lia

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa foi possível pois contou com a colaboração direta e indireta de várias pessoas, agradeço:

À minha família e aos meus amigos pelo apoio e incentivo;

Aos meus amigos educadores pelas trocas de ideias sobre mediação e arte;

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho, pelo acompanhamento nessa fase final da graduação e pelos aprendizados construídos durante o curso;

Aos entrevistados, Beatriz Soares Rodrigues, Giovana Galhardo Oliveira, Mateus José Guimarães de Abreu e Raian Silva Vidal, por compartilharem suas experiências através de depoimentos que foram essenciais para a realização deste trabalho.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas,
esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram
aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar,
o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a
imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o
menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai:
– Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a importância social da relação entre museus e escolas, com foco no papel das escolas como chave de acesso a instituições de arte e cultura, e também a qualidade da mediação oferecida pelos setores educativos das instituições culturais. A discussão sobre esses temas efetua-se a partir de pesquisa bibliográfica, experiências pessoais e entrevistas com pessoas que participaram de visitas escolares a museus na posição de aluno. Com suporte dos depoimentos e das minhas vivências, elenco alguns desafios que permeiam a relação entre museus e instituições de ensino formal, apresentando sugestões de melhorias já discutidas no campo teórico, mas que na prática se revelam difíceis de concretizar.

Palavras-chave: museu; mediação; escola; educação; experiência; arte.

ABSTRACT

This essay aims to reflect on the social importance of the relationship between museums and schools, focusing on their role as a gateway to art and culture institutions, and also the quality of the mediation provided by the educational sectors of cultural institutions. The discussion of these topics is conducted through bibliographical research, personal experiences, and interviews with individuals who participated in school visits to museums as students. With the support of the testimonials and my own experiences, I outline some of the challenges that surround the relationship between museums and formal educational institutions, while also presenting suggestions for improvements that have been discussed in theoretical contexts but often prove difficult to implement in practice.

Key words: museum; mediation; school; education; experience; art.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MUSEUS E MEDIAÇÃO.....	11
2.1 Reflexões Sobre Mediação.....	13
3 RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA.....	16
4 DESAFIOS DA MEDIAÇÃO: COMO MELHORAR A EXPERIÊNCIA?.....	21
4.1 Desvalorização do Setor Educativo.....	21
4.2 Formação de Mediadores.....	22
4.3 Preparo dos Professores.....	22
4.4 Duração da Visita.....	24
4.5 Atenção.....	25
4.6 Expectativas.....	26
4.7 Continuidade da Experiência.....	27
4.8 Materiais Educativos.....	27
4.9 Obstáculos Financeiros.....	28
5 MINHA EXPERIÊNCIA.....	31
5.1 Passeio Com A Escola.....	31
5.2 Educadora Em Museu De Arte.....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	38
1. Entrevista Raian Silva Vidal.....	38
2. Entrevista Mateus José Guimarães De Abreu.....	44
3. Entrevista Giovana Galhardo Oliveira.....	48
4. Entrevista Beatriz Soares Rodrigues.....	52

1 INTRODUÇÃO

As visitas a museus e exposições de arte são frequentemente referidas como "passeios", e de fato são, pois a simples ação de deixar o ambiente escolar é motivo de alegria e entusiasmo para os estudantes. Muitas vezes, as crianças consideram a viagem de ônibus com os colegas a parte mais divertida dessas excursões. No entanto, essas visitas têm o potencial de ser mais do que simples passeios; elas podem se transformar em experiências profundamente enriquecedoras com a arte. Esta pesquisa tem como objetivo explorar como tornar essas vivências mais significativas para os estudantes e como aprimorar a mediação nesses espaços culturais, destacando a importante relação entre museus e escolas.

Comecei a me interessar sobre esse tema durante o quarto ano da graduação, no primeiro semestre de 2022, durante a disciplina de Histórias de Vida. Nesse período, fui encorajada a refletir sobre minha própria trajetória com a arte e, ao fazer isso, lembrei da minha primeira experiência em um museu, proporcionada pela escola. No segundo semestre, na disciplina Práticas de Ensino III, aprofundei meu conhecimento sobre educação não-formal e mediação em museus, e decidi que este seria o tema do meu trabalho de conclusão. Minha escolha de abordar esse assunto está enraizada em minha própria jornada, naquilo que me levou à graduação em Artes Visuais. Portanto, minha intenção é explorar a importância da relação entre museus e escolas na vida dos estudantes, como eu, e discuti-la de forma mais aprofundada.

Para isso, além de pesquisa bibliográfica, realizei entrevistas com quatro pessoas que tiveram a oportunidade de visitar museus como parte de sua formação artística na escola, ou seja, na posição de estudantes. As entrevistas feitas foram semiestruturadas, com apoio de um roteiro flexível de perguntas, que se adaptava de acordo com as respostas dadas, procurando aprofundar os tópicos mais relevantes para a pesquisa.

Início o texto contextualizando brevemente a história dos museus e seus objetivos educacionais ao longo do tempo, apontando a importância das práticas educativas nos museus e a evolução de seu papel na sociedade. Na seção "Reflexões Sobre Mediação", apresento minha compreensão do papel do mediador de concretizar a aproximação entre o público e as obras de arte, ao mesmo tempo em que enfatizo a necessidade de evitar a simplificação excessiva e permitir uma construção conjunta de conhecimento. No capítulo seguinte, reflito sobre a importância da relação entre museus e escolas na democratização do acesso à arte, como esses "passeios" podem funcionar como uma chave de acesso a esses espaços elitizados

de arte. O texto explora essa relação, destacando a experiência de alunos que tiveram a oportunidade de visitar museus com a escola. Continuo explorando as complexidades e desafios desse vínculo, ressaltando seu potencial transformador na vida dos educandos, no capítulo “Desafios Da Mediação: Como Melhorar A Experiência?”. Neste capítulo aponto alguns desafios e problemas da mediação a partir das entrevistas e das minhas experiências como estudante e como educadora, investigando as barreiras que afetam tanto os educadores de museus quanto os professores escolares e buscando soluções para aprimorar essa interação. Por fim, no último capítulo faço um relato sobre minhas vivências com arte-educação em museus, primeiro falo sobre minha primeira visita a um museu de arte durante a infância, um passeio com a escola; depois compartilho minhas experiências como arte-educadora e alguns desafios que enfrentei ao conduzir visitas mediadas com grupos escolares.

2 MUSEUS E MEDIAÇÃO

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”. (Nova, 2022)

Os museus são instituições que existem há centenas de anos e seu surgimento tem relação com a prática de colecionismo. Coleções que antes eram reservadas para os proprietários e pessoas próximas, por volta do século XVIII, foram abertas para o público com intuito de educar o povo de acordo com os valores do governo (Silva; Moraes, [2010?])¹. Durante o século XIX, esse caráter educativo dos museus foi se ampliando, segundo a pesquisadora Adriana Mortara Almeida:

Na Europa, a criação de departamentos de educação nos museus viabilizaria a política de dar acesso a todas as formas de conhecimento para a população, forjando o cidadão. Essa ideia vem no sentido de reforçar o nacionalismo e o espírito democrático, tanto em países centrais (colonizadores) quanto nos periféricos (colonizados). A educação é um meio de formar trabalhadores, eleitores que se identifiquem com a trajetória de sua pátria e atuem no sentido de preservar sua integridade. (Almeida, 1997, p. 50)

Era um momento em que se destacava a importância do objeto na educação e os museus voltaram a atenção para o setor educativo. A Europa vivia os movimentos de vanguarda, que questionavam a arte clássica, e as visitas guiadas oferecidas pelos museus fortaleciam os valores culturais do país.

No Brasil, os primeiros museus são construídos no Rio de Janeiro, quando foi estabelecida a Missão Artística Francesa. Os primeiros criados foram o Museu da Escola Nacional de Belas Artes e o Museu Nacional, inaugurados em 1815 e 1818, respectivamente. Sobre eles, Poliana Freire Silva e Maria Thereza Didier de Moraes discorrem:

Os museus desta época tinham características enciclopédicas e se voltavam para a pesquisa em ciências naturais. A ênfase dada ao nacionalismo só ocorrerá no Brasil a partir da criação do Museu Histórico Nacional em 1922, que rompeu com a tradição enciclopédica e inaugurou um modelo de museu voltado para a história,

¹ SILVA, Poliana Freire; MORAES, Maria Thereza Didier de. O Museu como Espaço Educacional: um olhar sobre o Instituto Ricardo Brennand. [artigo não publicado]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Centro de Educação, [2010?].

O texto utilizado foi cedido por Talita Paes, uma vez que o trabalho não se encontra publicado/disponível online.

para a pátria e para a nação. O acervo dos museus desta fase do século XX privilegiava a elite e as exposições adotavam o “tratamento factual da história, o culto à personalidade, veiculando conteúdos dogmáticos, em detrimento de uma reflexão crítica” (SANTOS, apud. JULIÃO, 2002, p. 23). Inclusive, os bens tombados ainda nesta fase do século XX eram representativos dos setores dominantes da sociedade, ou seja, igrejas barrocas, fortes militares, casas-grandes e sobrados coloniais. Caindo no esquecimento, no entanto, as senzalas, os quilombos, as vilas operárias e os cortiços, ou seja, bens representativos dos sujeitos excluídos da história dita oficial. (Silva; Moraes, 2008, p. 4)

Grande parte dos museus de arte brasileiros, porém, foram criados na primeira metade do século XX, adotando o padrão norte americano de museu moderno (Pinheiro, 2014.). Nessa mesma época aconteceram as primeiras práticas educativas no Museu Nacional, relativas ao ensino de história (Coutinho, 2012). O diretor do museu era Roquette Pinto e ele foi responsável por fundar a Divisão de Educação, que tratava do ensino de história natural e disponibilizava salas e materiais de projeção para os professores, com intuito de incentivar a aproximação com o museu (Alencar, 2008), de acordo com Coutinho (2012, p. 12), “iniciando o que hoje se pode chamar de parceria museu-escola”.

Nos museus de arte, no entanto, a existência de uma área de educação é mais recente, de acordo com a pesquisadora Maria de Paula Pinheiro, datando da segunda metade do século XX, quando os setores educativos começaram a ser sistematizados dentro dessas instituições. O Museu de Arte de São Paulo (MASP) foi um dos primeiros a efetivar as visitas educativas; segundo Valéria Peixoto de Alencar, na época essas visitas apresentavam uma proposta de transmissão de conhecimentos, de tradução da obra de arte, colocando o profissional responsável pela visita na função de um guia. Além disso, a educação nos museus brasileiros teve influência do escolanovismo, que incentivava uma educação complementar a da escola (Almeida, 1997), conferindo ao museu o papel de ilustrar o que era estudado nas aulas do ensino formal². Essas estratégias de educativas, as visitas guiadas e o papel pedagógico do museu foram, e ainda são, questionados e destes questionamentos surgiram novas propostas de abordagem para a educação não-formal³, levando em conta suas peculiaridades e se aproveitando do potencial de ir além da simples complementaridade do ensino escolar.

² Ensino formal é aquele realizado “em estabelecimento de ensino, cumprindo a sequência e os programas escolares ou acadêmicos. Ou seja, são nos estabelecimentos de ensino oficial onde encontramos um currículo a ser cumprido e avaliado num determinado prazo.” (Alencar, 2008, p. 30)

³ “A educação não formal faz referência a toda atividade educativa organizada de forma sistemática fora do sistema educacional regado.” (Pinheiro, 2014, p.20).

2.1 Reflexões Sobre Mediação

Desde a abertura dos museus para o público geral existe uma barreira que dificulta o acesso das classes mais baixas às instituições de arte. Bourdieu explica que nem todos os indivíduos têm as chaves para a “plena fruição das obras de arte” (Bourdieu; Darbel, 2003, p. 11), elas pertencem aqueles que detêm do chamado capital cultural⁴. O papel do mediador entra nesse lugar, possibilitando a aproximação das classes menos cultas com obras inacessíveis. Não se deve confundir, contudo, essa aproximação com uma palestra informativa e um discurso unilateral que “desconsideram uma possível autonomia de observação dos sujeitos que se veem diante das obras obrigados a seguir com o olhar as indicações do guia.” (Coutinho; 2009, p.172). As ações educativas nos museus existem para possibilitar o diálogo entre o público e os trabalhos artísticos expostos, para isso o educador não pode assumir o papel de autoridade, nem ser a única voz a se manifestar (Rossi, 2015). Acredito no trabalho de mediação como uma construção conjunta de conhecimento, numa ação dialógica e reflexiva, contextualizando os trabalhos expostos sem recorrer a estratégias simplificadoras, como comenta Agnaldo Farias:

[A mediação] empregada como fator de aproximação, pode ser problemática, especialmente quando ela, no afã de estabelecer a ponte entre a obra e o público, incorre em estratégias simplificadoras, trai exatamente aquilo que pretende defender. Ora, a mediação não pode incorrer na simplificação do processo que se estabelece entre público e obra, não pode pretender reduzir a complexidade do trabalho que está sendo apresentado. Ela tem que garantir que a obra seja apresentada em toda a sua plenitude, fruída da melhor maneira possível (Farias, 2007, p. 67 *apud* Martins, 2014, p. 260).

Portanto, explicação não funciona como sinônimo de mediação, é preciso saber dosar as informações e adequá-las para o público, propor leituras e discussões apropriadas para o contexto do grupo e estimular cada indivíduo a construir seus significados, interpretações, e observações de forma ativa e crítica. De acordo com a professora Mirian Celeste Martins (2014), diferente do mediador, o explicador distancia e não abre espaço para diálogos e questionamentos, além de não se atentar ao contexto das pessoas presentes. Considero um bom educador aquele que personaliza suas mediações de acordo com o grupo que participa,

⁴ Capital Cultural para Bourdieu é um elemento de legitimação e de distinção social: “A cultura aparece como um bem que pode sancionar a condição de herdeiros, uma vez que o acesso à cultura e a aquisição desta entre os grupos sociais distintos conferem aos mais privilegiados um poder real e simbólico que os habilita a apresentar não somente os melhores desempenhos escolares, como também uma relação de naturalidade e de intimidade com as práticas sociais e culturais mais valorizadas socialmente”. (Cunha, 2007, p. 505)

levando em conta as expectativas, os saberes e as referências que cada um traz consigo, e se aproveitando disso para proporcionar uma boa experiência para os visitantes.

Os museus são instituições com grande potencial para gerar reflexões sociais, históricas, estéticas e muito mais. As exposições comunicam ideias e discursos e, a partir delas, se viabilizam discussões, ideias, aprendizagens, especialmente se tiver apoio de uma ação educativa - atividade que estabelece um aproveitamento pedagógico do que está exposto empregando estratégias diferentes das usadas no ensino formal (Almeida, 1997). De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus:

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma. (Museus, 2021)

Para que os museus possam ser usufruídos nessa plenitude, o educador é essencial, principalmente para aquelas pessoas que não estão acostumadas a frequentar esse tipo de instituição. Aliás, muitos indivíduos da classe culta desprezam os educadores e qualquer esforço de tornar as obras mais acessíveis (Bourdieu; Darbel, 2003), o que influencia, inclusive, na forma que os setores educativos são tratados - muitas vezes como inferiores e menos importantes que a curadoria, por exemplo. Mas, com o aumento do fluxo de público no fim do século XX, o mediador tem sua relevância mais reconhecida, devido a ampla demanda de recepção e a necessidade de se “educar um grande número de fruidores” (Coutinho, 2009, p. 172, 173). Isso porque os educadores são os responsáveis por possibilitar a apropriação dos bens simbólicos, viabilizando o acesso e o domínio de diferentes códigos culturais (Coutinho, 2012). Outro movimento que estimulou a ampliação dos setores educativos nas instituições de arte, foi a concepção construtivista de educação, que aumentou o número de educadores do ensino formal que buscam essas instituições para levar os alunos. Isso aumentou a procura por visitas mediadas e a necessidade de criar novas estratégias de aproximação entre arte e público.

Não existe uma fórmula para uma boa mediação, cada educador constrói seus próprios métodos, mas alguns pontos são fundamentais para estimular a percepção além do mero “reconhecimento” (Dewey, 2010, p. 135) e não se colocar como o tradutor legítimo da obra de arte. A abordagem triangular, proposta sistematizada por Ana Mae Barbosa, é uma estratégia

que pode, e deve, ser usada no contexto da mediação, pois promove a construção do conhecimento estético a partir da leitura das obras, produção e contextualização - a ordem e as articulações dessas dimensões ficam a critério do educador (Coutinho, 2009). Essa conduta, acompanhada de perguntas disparadoras e de atenção para o contexto de cada atuação, podem ser os primeiros passos para uma boa experiência de mediação, capaz de desenvolver a percepção visual e sensorial.

Partindo do princípio freiriano de que a leitura é um ato de apropriação do conhecimento na interação do sujeito com o mundo, com seu meio social e cultural, por conseguinte a leitura e a interpretação de uma produção do campo da arte é também um processo de construção de sentidos para os sujeitos que a leem. Nesse processo, as experiências anteriores e a visão de mundo orientam e direcionam o sentido da leitura e da interpretação. Dessa ótica, acreditamos que não existe uma única interpretação de uma produção artística, mas uma pluralidade de pontos de vista que podem ser complementares ou não. (Coutinho, 2009, p. 175)

3 RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA

Através da arte podemos potencializar a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio em que se vive, analisando-o criticamente, como reflete o professor de arte Pio Santana (2009). Os museus e exposições são o espaço ideal para o desenvolvimento dessa mediação entre arte e público, por isso existe um grande desejo, e esforço, por parte dos professores da educação formal para levar seus alunos para esses espaços. Esse deslocamento para fora da escola, porém, não é uma tarefa fácil, por isso é importante estabelecer parcerias entre museu e escola. Os profissionais dessas instituições podem, em conjunto, contribuir para a construção de conhecimentos dos educandos e marcar positivamente essa experiência social e cultural na vida deles. Essa parceria é interessante não somente para professores de arte, mas também para os de outras disciplinas, visto que essa experiência desperta nos estudantes um interesse e entusiasmo interdisciplinar (Santana, 2009).

Para essa pesquisa, realizei entrevistas com quatro pessoas que participaram de visitas escolares na posição de aluno. Uma dessas pessoas é Raian Silva Vidal⁵, que cursa História na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e trabalha como educador em um museu de São Paulo. Ele estudou no SESI de Guarulhos, e conta que as professoras se esforçavam para levar os estudantes para instituições culturais e lembra de uma delas em especial, uma visita ao Museu do Ipiranga:

A primeira delas foi o Museu do Ipiranga, quando eu visitei eu não lembro exatamente quantos anos eu tinha, mas eu era uma criança, então provavelmente doze anos, onze. Logicamente foi antes da reforma, de fechar, e eu não entendi o que era aquilo. Eu só achava aquilo imenso, gigante, aquela estrutura gigante. Fiquei fascinado pelas coisas antigas que eu vi, então lembro de ter visto os automóveis. Eu lembro que tinha um automóvel, agora eu fui de novo e não vi esse automóvel, mas eu lembro de ter visto os monumentos. E aquilo me chamou muito a atenção, aquela grandiosidade do museu e tudo que tinha lá dentro. Eu fiquei muito instigado para entender o que era história e o que era saber que você vive num momento que atrás de você também tem outros momentos. Então eu fiquei muito fascinado por essa visita no Museu do Ipiranga. E foi nessa visita que eu tomei conta de que existia história e de que eu queria trabalhar nesse espaço.

Durante a entrevista ficou perceptível o afeto que Raian tem pelo Museu do Ipiranga, foi o primeiro museu que visitou, oportunizado pela escola, e essa primeira experiência

⁵ Ver Apêndice para a entrevista completa (Item 1).

despertou um interesse por história que determinou o curso que estuda hoje e a área que escolheu trabalhar. Esse é um exemplo da razão da relação entre as instituições de educação formal e não-formal ser tão significativa, porque o ganho afetivo pode ser maior no aprendizado construído dentro do museu, ele provoca entusiasmo e interesse nos educandos, que consideram a situação mais divertida se comparada a sala de aula (Almeida, 1997). No fim da entrevista, Raian ainda conclui a influência das visitas a espaços de cultura em sua vida:

Eu descobri que eu tenho um interesse. De trabalhar a história do patrimônio, história da cidade. Trabalhar monumentos. E se você ver, se você fizer uma análise, todas essas minhas experiências, na infância, na adolescência contribuíram para quem eu sou hoje. Porque eu estou pesquisando essas coisas.

A pertinência dessa relação entre museu e escola também está na participação da formação artística dos educandos, no desenvolvimento estético e artístico - que é bastante importante, pois as crianças têm cada vez mais contato com imagens (Rossi, 2015) - e ainda na contribuição para aproximar variados grupos sociais das instituições culturais.

A escola, por sua vez, assume um papel fundamental na formação do público dos museus ao propiciar o contato do aluno com exposições e demais atividades culturais, especialmente quando desenvolve projetos de longa duração em parceria com instituições museológicas e culturais, colaborando de maneira efetiva para promover a apropriação e a valorização dos bens culturais preservados e desenvolver no aluno o hábito de visitação aos museus. (Pinheiro, 2014, p. 21)

O primeiro contato com exposições de arte é muitas vezes possibilitado pela escola, principalmente para pessoas das classes mais baixas, porque, como coloca Bourdieu (2003, p. 9): “os museus abrigam tesouros artísticos que se encontram, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), abertos a todos e interditados à maioria das pessoas”. A relação museu-escola serve como uma chave de acesso; no livro *O Amor Pela Arte* (Bourdieu; Darbel, 2003), isso se explicita através da pesquisa que eles realizaram na Europa durante a década de 1960, mas que traz discussões ainda pertinentes: a maior parte das pessoas de baixa escolaridade nunca visitará um museu, e a frequência de visitas aumenta à medida que se eleva o nível de instrução. A entrevistada Giovana Galhardo Oliveira⁶, por exemplo, conta que foi a primeira vez em um museu com a escola, durante o ensino médio, e a próxima visita que ela realiza só acontece cinco anos depois, novamente oportunizada por uma instituição de ensino, dessa vez a faculdade. O papel da escola como oportunizador desse contato também é

⁶ Ver Apêndice para a entrevista completa (Item 3).

comentado por Raian durante a entrevista: “Só que na minha mente eu pensava que museu você só podia entrar com a escola. Eu não pensava que você podia ir. Eu pensava que tinha que ter a escola lá.” A escola deve, então, assumir o compromisso de viabilizar o contato com instituições culturais e estabelecer uma relação de pertencimento entre elas e os educandos, principalmente porque estudantes de origem econômica desfavorecida só entrarão nesses espaços por intermédio da instituição escolar, diferente daqueles das classes cultas (Bourdieu; Darbel, 2003). Enquanto indivíduos de família mais instruídas tendem a frequentar esses espaços como uma forma de lazer com a família, aqueles de classes populares sequer se sentem convidados a entrar. Existe também a influência do fator econômico, muitos museus têm ingressos pagos, e ainda que baratos, dificultam o acesso. E mesmo aqueles que oferecem um dia gratuito, geralmente é um dia útil, o que não contribui tanto para a acessibilidade, já que o lazer das classes populares é restrito aos domingos e feriados (Bourdieu; Darbel, 2003).

Embora a maioria dos visitantes estejam de acordo ao julgar que os preços de ingressos são bastante baratos, podemos nos interrogar se, apesar de tudo, a renda familiar não exerce uma influência específica sobre os ritmos de frequência, já que o custo de uma visita inclui outras despesas, no mínimo tão importantes, tais como as despesas com transporte ou custos implicados em qualquer saída familiar, e se um freio orçamentário não continuaria a agir, até mesmo, na hipótese da gratuidade dos ingressos. (Bourdieu; Darbel, 2003, p. 42)

A mediação realizada nos museus pode diminuir essas barreiras simbólicas que dificultam o acesso de pessoas que não tem o costume de visitar exposições, como elabora Coutinho:

Entrar em um museu não é tarefa fácil, mesmo naquelas instituições que não cobram ingresso, há barreiras simbólicas difíceis de transpor. A ideia de que o conhecimento ali exposto é para uma elite iniciada nos mistérios da arte, de que é necessário ter um conhecimento prévio, ou seja, ser portador de um capital cultural, impede várias pessoas de transpor as portas dos museus. (Coutinho, 2012, p. 10)

Então, o educador, se souber aproveitar, pode usar o momento da visita para desmistificar esses espaços “santos” da arte, que apresentam características que o distanciam da vida cotidiana, como “a intocabilidade dos objetos, o silêncio religioso imposto aos visitantes, o ascetismo puritano dos equipamentos, sempre raros e pouco confortáveis, a recusa sistemática de toda didática, a solenidade grandiosa da decoração e do decoro [...]” (Bourdieu; Darbel, 2003, p. 168). Uma forma eficiente de fazer isso é aproximando o que está sendo exposto da história de cada um, viabilizando o encontro entre as referências sociais e pessoais já construídas com essas novas e, assim, promovendo identificação e sensação de

pertencimento. Essa tarefa só pode ser feita por um educador, os textos da curadoria não tem o mesmo efeito e muitas vezes sequer são acessíveis. Mateus José Guimarães de Abreu⁷ é formado em Letras e atua como professor de francês, ele foi um dos entrevistados que comentou sobre o acolhimento e a importância dos mediadores. Sobre a visita com a escola ao Museu de História Natural do Rio de Janeiro, ele comenta:

Foi uma visita extraordinária. Muito palpável no sentido de sentir que eu estava realmente participando de um museu como evento. A visita ao museu como um evento. A história do prédio é muito interessante... [...] Eu me senti num espaço de pertencimento, porque é um museu que eu acredito que é impossível você não ficar impressionado com as coisas que tem, com o valor palpável, visual que tem ali. [...] toda essa abordagem, essa bagagem, eles passavam pra gente em forma oral, de maneira oral, porque ninguém ali tinha paciência pra ficar lendo os escritos que tinha, a gente recebia o panfleto, e cada, digamos assim, monumento que a gente via, tinha toda uma ficha técnica, com uma história riquíssima ali em texto ditado, só que essa parte desse encantamento, tornar a arte cativa partiu deles, porque foi todo um trabalho oral que eles fizeram, sabe? Foi muito bom.

O mediador que respeita os saberes dos educandos, propõe diálogos, leitura de obras e fornece informações no tempo certo - contextualizando sem transformar a visita numa palestra cansativa - faz a experiência ressoar positivamente na vida das pessoas e até que ela se estenda para outros lugares, como a educação formal. Se o educador não sabe valorizar a expressão do público, nem cria um clima de confiança e respeito, o grupo não se sente à vontade para falar e interagir. E, como comenta Martins no texto *Expedições Instigantes* ([2003]), se essa experiência for o primeiro contato com instituições de arte, pode criar uma aversão e uma associação ruim com arte-educação, tornando necessárias outras possibilidades de encontro para que a experiência seja reavaliada e ressignificada. Como coloca Batista:

O desafio é, portanto, encontrar novos enfoques e estratégias para a apresentação de exposições que permitam ao museu motivar os indivíduos a encontrar sua própria identidade e a compreender o mundo que os rodeia. Despertar a consciência cultural do público, motivá-los a aprender algo novo e ganhar seu apoio é tarefa que só pode ser levada a cabo com a total participação e cooperação do conjunto de profissionais envolvidos com a educação e o patrimônio.

Finalizando, é necessário entender que o indivíduo torna-se senhor de si mesmo e dos seus conteúdos se lhes for permitido ter acesso a coisas, lugares, processos, acontecimentos e registros, e a garantia desse acesso representa um passo importante no processo de transformação do indivíduo em cidadão e sujeito da sua história. (Batista, 2008, p. 23)

⁷ Ver Apêndice para a entrevista completa (Item 2).

A educação artística, no geral, tem a intenção de apresentar a importância de artefatos na história humana, desenvolver a compreensão e expressão estética, aumentar a percepção de identidade e alteridade, potencializar a criticidade e autonomia do educando, e outras coisas mais. Esses objetivos podem ser alcançados no espaço escolar, mas a relação museu-escola pode ser muito benéfica e facilitar a atingir essas metas, visto que os encontros estéticos proporcionados pelas instituições culturais provocam sensações de fascínio e curiosidade que contribuem para expandir a imaginação, principalmente em crianças, como lembra a pesquisa de Cristina Carvalho e Thamiris Lopes (2016). As pesquisadoras Silva e Moraes também corroboram com essa ideia ao afirmarem que o museu é um “facilitador de vivências, de construção e de interatividade” (Silva; Moraes, [2010?], p. 9) e seu potencial pedagógico deve ser mais aproveitado por professores da educação formal.

4 DESAFIOS DA MEDIAÇÃO: COMO MELHORAR A EXPERIÊNCIA?

Anteriormente discuti a relevância da relação museu-escola e as características de uma boa mediação. Entretanto, como comentei antes, não existe uma receita para o mediador seguir e conseguir resultados satisfatórios. Neste capítulo irei abordar alguns desafios e problemas da mediação - tanto para o educador do museu, quanto para o professor da escola - apontando soluções ou melhorias que já existem na teoria, mas na prática são difíceis de concretizar.

4.1 Desvalorização do Setor Educativo

Por muito tempo, as instituições de arte não chamavam a ação educativa por esse nome, existia um desejo de afastar a arte da educação, como se a educação tirasse valor da arte ao torná-la mais acessível (Barbosa, 2008). A acessibilidade, porém, também é função da curadoria, que quando trabalha em conjunto com o educativo consegue, de modo mais eficiente, facilitar a comunicação com o público e a fruição dos trabalhos artísticos (Barbosa, 1989). No entanto, ainda existe resistência de diretores, curadores, críticos e até de artistas em ver o potencial educativo dos museus e, por isso, colocam os educadores em segundo plano (Barbosa, 2009). É comum que haja descaso com esse setor e falta preocupação com a qualidade da formação dos profissionais e dos serviços oferecidos, prioriza-se a quantidade de visitas sobre a qualidade delas, com objetivo de inflar as estatísticas de visitantes (Alencar, 2008). Percebemos que a ação educativa não é prioridade para grande parte dos museus quando temos acesso ao funcionamento interno da instituição, não é direcionado recursos para o setor, não existe preocupação com a formação dos educadores - sendo que a maioria é composta por estagiários -, os trabalhadores são mal remunerados e, aqueles que querem continuar atuando com mediação, precisam de outros empregos para complementar a renda. Na entrevista que realizei com Mateus, ele comenta sobre a situação dos educadores do Museu de História Natural do Rio de Janeiro:

No museu do Rio, o grupo foi dividido em quatro. Cada um tinha um guia. Eles eram estagiários, ou de turismo, ou de artes visuais, da UFRJ, ou da Federal Fluminense. Eles não eram remunerados, e fizeram o trabalho de guia com a gente, ali dentro do museu, por todos os ambientes, todas as sessões. Só que eles nunca deixavam de comentar o descaso que eles sofriam. Isso eu lembro até hoje.

Uma possível solução desses problemas incluiria a desconstrução da ideia que se tem de educação dentro dos museus (diferenciando o aproveitamento do potencial educativo deles de museus escolarizados), o direcionamento de recursos para o setor, a remuneração justa dos funcionários, o oferecimento de formação continuada e o reconhecimento do valor social e cultural desse serviço.

4.2 Formação de Mediadores

A criação de cursos específicos para a formação de mediadores é recente, mas é importante que as pessoas que atuam na área tenham conhecimentos básicos sobre história da arte, estética, museologia, curadoria e educação (Barbosa, 1989). O grupo de educadores que trabalham com mediação de exposições geralmente é composto por pessoas de diversas áreas, das artes visuais, artes cênicas, história, arquitetura, ciências sociais, entre outras (Alencar, 2008). A instituição, então, tem a responsabilidade de garantir que estes profissionais estejam preparados para mediar arte e público, porque muitos não têm contato com teoria da arte ou ensino-aprendizagem na faculdade. Além disso, é importante que estes profissionais estejam sempre se atualizando, sendo a formação continuada⁸ um bom dispositivo para isso. A formação dos educadores deve ser prioridade do setor educativo, pois é nessa ação-reflexão sobre o trabalho de mediação que os educadores pesquisam, se atualizam sobre as demandas escolares, conversam sobre os problemas que surgem durante as visitas, avaliam as ações realizadas, e conhecem novos métodos e instrumentos de mediação. Enfim, ter esse espaço de formação que vai além da construção de repertório teórico otimiza o trabalho dos mediadores e, conseqüentemente, o encontro sensível entre arte e público.

4.3 Preparo dos Professores

A atuação dos professores que levam os alunos aos museus também é determinante para que a visita seja significativa e proveitosa. Os professores cumprem o papel de mediadores entre a escola e o museu, antes e durante a visita, por isso o modo que a conversa sobre o “passeio” acontece também pode definir a qualidade da experiência. Eles conhecem os educandos e, algumas vezes, acabam exercendo um controle maior sobre eles, o que pode

⁸ “A formação continuada ‘é o espaço de formação profissional no local de trabalho e a partir dele’. No caso da mediação cultural é o espaço aberto, institucionalizado e remunerado para estudos, pesquisas, reuniões durante o processo de trabalho, no período de uma exposição.” (Alencar, 2008, p. 59)

ter um efeito negativo para os educadores do museu. Por exemplo, durante o momento inicial da visita e da apresentação do espaço, é importante que as instruções incentivem a exploração e interação com o espaço, e não sejam anunciadas com palavras negativas, como, “não tocar”, “não conversar”, “não fazer bagunça”, porque não é acolhedor e pode causar um distanciamento entre museu e público (Silva; Moraes, [2010?], p. 7).

É relevante, também, que os professores conheçam a exposição para conhecer os conteúdos possíveis de serem trabalhados e os recursos educativos da instituição, porém, não é tarefa fácil. Como a professora Rejane Coutinho aponta:

O ideal é que a preparação possa acontecer antes de levar seus alunos a situações de apreciação; entretanto, diante das dificuldades, ela também pode ser desenvolvida e ampliada na sequência da própria experiência. O que é fundamental é que o educador passe pela experiência e reflita sobre seus próprios processos, visto que a experiência tem como referência as próprias experiências anteriores dos sujeitos. (Coutinho, 2004, p. 156)

Os educadores do ensino formal, principalmente de escolas públicas, são sobrecarregados e a chance de realizar uma visita à exposição já é uma vitória. Por isso é significativo que se estabeleça uma relação museu-escola, programas da ação educativa podem, no mínimo, oferecer transporte para realizar o deslocamento entre escola e museu, que é o primeiro obstáculo que impede as visitas de escolas públicas. Algumas instituições oferecem atendimento para educadores do ensino formal, o que possibilita uma conversa sobre os objetivos da visita e a partir desse contato a realização de um roteiro mais personalizado, o que impacta positivamente a experiência dos próprios professores, dos educandos e dos mediadores do museu (Pinheiro, 2014). No texto *O Museu como Espaço Educacional: um olhar sobre o Instituto Ricardo Brennand* (2008), Silva e Moraes destacam:

Museus e escolas poderão juntos travar diálogos construtivos em que ambos compreendam as demandas do outro e procurem supri-las utilizando a importante ferramenta que são as formações (também seminários e fóruns) ocorridas em museus voltadas para os professores, nas quais docentes, gestores e educadores de museus devem se fazer presentes para firmar um diálogo, aprender mais a respeito do outro e construir metas de convivência (Silva; Moraes, [2010?], p. 16).

Essas ações voltadas para professores são sempre relevantes, mas são ainda mais importantes em instituições que não disponibilizam o acompanhamento de um mediador para visitas escolares, colocando no professor a responsabilidade de estar preparado para assumir essa função. Porém, mesmo os museus que oferecem cursos de curta duração e seminários não conseguem contemplar todos os educadores que irão levar estudantes à exposição, por vários motivos, como deslocamento - de áreas periféricas ou do interior do estado, por

exemplo -, falta de tempo ou desconhecimento dessas ações. Essa foi a experiência de Giovana, que visitou o MASP, museu que deixou de oferecer acompanhamento. Ela conta na entrevista que a professora de literatura planejou a visita; ela organizava anualmente essa viagem com seus alunos do último ano do ensino médio e abordava os assuntos trabalhados em sala de aula. A professora fez uma mediação na exposição do acervo, onde ficavam os trabalhos tratados durante a disciplina, mas no subsolo, onde acontecia uma exposição de arte indígena, não houve nenhum tipo de intermédio entre os trabalhos artísticos e o grupo de estudantes.

4.4 Duração da Visita

Diferentemente da relação com os educadores do ensino formal, a relação dos educandos com os mediadores de instituições culturais é breve. O tempo de mediação é em média uma hora e meia, e está sujeito a diversos fatores que podem encurtar ainda mais a experiência. É importante saber administrar esse tempo disponível para obter o máximo aproveitamento e “diminuir a distância entre o que o educador e o professor propõe e o que ocorre objetivamente no desenrolar das visitas” (Almeida, 1997, p. 51). Uma visita nunca acontecerá exatamente como o educador planejou, mas é possível - e necessário - estar preparado para os imprevistos e realizar uma mediação que satisfaça seus objetivos. Como Carvalho e Lopes colocam:

O tempo no museu, elemento constitutivo do processo de aprendizagem, é breve, e isso deve ser levado em consideração em todas as etapas do processo museológico, desde a montagem da exposição até às atividades educativas desenvolvidas para os diferentes públicos. (Carvalho; Lopes, 2016, p. 914)

No planejamento do roteiro de uma visita é imprescindível dedicar um tempo à fruição das obras de arte, para que o público possa observar, elaborar ideias e percepções, indo além do mero reconhecimento, como explica Coutinho:

O ato do reconhecimento é um momento anterior à percepção. Quando entramos em uma exposição de obras de arte, olhamos as obras expostas, lemos suas etiquetas, identificamos o artista, o título da obra, as dimensões e as técnicas empregadas. É o momento do reconhecimento do que nos é dado a perceber. Daí pode acontecer ou não o desenvolvimento de um processo de percepção mais denso, onde passamos a absorver e a interagir com as obras. (Coutinho, 2004, p. 155)

Na entrevista de Giovana⁹, que cursa biblioteconomia na Universidade de São Paulo, ela menciona uma experiência ruim com a administração do tempo proposta pelos mediadores de uma exposição em uma unidade do SESC:

Elas [as educadoras] explicaram que ia ser uma visita mediada. Que primeiro a gente...Elas iam dar uns 15 minutos pra gente dar uma olhada na exposição. E depois a gente ia se reunir lá pra fazer uma espécie de jogo de mímica. Só que eu me perdi nos 15 minutos. Eu já tinha ido meia hora. E ele já tinha terminado o jogo e eu não tinha participado. [...] Essa foi a minha única crítica negativa a essa exposição. Porque tinha muita coisa. [...] Eu assisti os vídeos, colocava o fone. Comecei a ler todos os textos. Tinha muita coisa lá pra ser olhada só. Então eu achei que o tempo, esses 15 minutos, foram usados de forma muito rasa por elas. Nossa, achei isso super pouco.

A dinâmica de separar um tempo para os espectadores verem a exposição de forma autônoma é interessante - diria até que ideal -, mas é uma proposta que exige mais tempo para ser bem aproveitada, se feita com pressa a experiência será agitada, superficial e confusa (Dewey, 2010). Acredito que se o grupo tem pouco tempo disponível, outras dinâmicas são mais adequadas e conseguem proporcionar uma experiência, além de apenas uma vivência, nesse curto espaço de tempo.

4.5 Atenção

Conquistar a atenção de um grupo de estudantes visitando um lugar pela primeira vez é complicado: são muitas possibilidades de distração, desde pequenos episódios - como ficar separado do grupo do amigo - até coisas que inevitavelmente prendem a atenção - como a monumentalidade de um museu.

A interatividade é um aspecto da visita que colabora com o direcionamento da atenção do grupo, por esse motivo é muito comum que as obras de arte que permitem o toque marquem as pessoas que visitaram museus há anos, mas ainda lembram. Na conversa com Mateus, ele recorda do meteorito que ficava logo na entrada do museu, a única peça que podia ser tocada e uma das únicas que ele se lembra. A interatividade também aparece no relato de Beatriz Soares Rodrigues¹⁰, estudante de Artes Visuais na Universidade Estadual Paulista e que atualmente trabalha como educadora na 35ª Bienal de Arte de São Paulo. Na entrevista

⁹ Ver Apêndice para a entrevista completa (Item 3).

¹⁰ Ver Apêndice para a entrevista completa (Item 4).

ela cita duas visitas marcantes que realizou com a escola, e as duas apresentam esse caráter sensorial; ela relata mais sobre uma que aconteceu na OCA, no Parque Ibirapuera, e apesar de não se lembrar do nome da exposição, ela lembra do espaço expositivo e das sensações que os trabalhos causaram nela. Era uma exposição mediada e os trabalhos eram todos interativos e multissensoriais, provavelmente uma experiência inédita na vida de Beatriz, que estava nos primeiros anos do ensino fundamental.

Algumas são de forma mais óbvia, mas toda exposição é interativa de algum jeito, e cabe ao mediador pensar propostas de atividades que estimulem esse modo de fruição que impacta positivamente a experiência de pessoas de qualquer faixa etária, mas principalmente crianças que estão repletas de empolgação e curiosidade. O educador deve estar atento para onde a atenção do grupo está se direcionando e usar estratégias participativas e lúdicas para relacionar esses interesses que chamam atenção dos educandos com o conteúdo da exposição (Alencar, 2008).

4.6 Expectativas

Um dos desafios do trabalho do mediador é lidar com as expectativas com que os grupos chegam ao museu, porque nem todas serão alcançadas e isso pode causar frustração. Essas expectativas dos estudantes são diferentes das expectativas dos mediadores que, por sua vez, são diferentes das dos professores. Cabe aos educadores do museu, então, conversar sobre as intenções e desejos do grupo durante o acolhimento, propondo uma visita que leva em consideração as expectativas, os saberes, os medos e os interesses dos estudantes (Martins, [2003], p. 19).

Quando um professor já trabalhou com o grupo o tema, ou um dos temas, da exposição, isso influencia nas expectativas, os estudantes têm um conhecimento prévio que faz com que cheguem com mais interesse e atenção, e se sintam mais confortáveis para interagir. Dependendo das motivações da visita, porém, o efeito no grupo pode ser negativo:

Esse conflito é materializado nos museus quando as escolas buscam visitá-los enxergando-os como espaço ilustrativo do que foi aprendido em sala de aula. No caso dos museus de história, após trabalhar a disciplina em classe, o interesse dos estudantes fica comprometido, uma vez que a visita se torna parte do processo avaliativo daquele assunto. (Possibilidades, 2020)

Por isso é importante que os professores utilizem o museu como um espaço de discussão e aprendizado (Possibilidades, 2020) e se conscientizem das consequências negativas que tratar instituições culturais como extensão da escola podem acarretar. O museu traz muitas possibilidades mais interessantes que a simples ilustração do que foi visto em sala de aula, e a qualidade da experiência nesses espaços pode ser prejudicada se houver algum tipo de avaliação. Grande parte dos grupos escolares são compostos por crianças e adolescentes que estão tendo esse contato com arte em uma exposição pela primeira vez, e como foi comentado no capítulo anterior, a qualidade desse contato influencia na futura relação dessas pessoas com espaços de cultura.

4.7 Continuidade da Experiência

Para a experiência de mediação ser atingida em seu máximo potencial, Ana Mae Barbosa (2009) indica que o professor deve trabalhar o conteúdo da visita antes e/ou depois dela, em atividades como ateliês, oficinas, ou mesmo aulas expositivas. As atividades que dão continuidade a experiência que acontece nos museus além de expandir o aprendizado, podem ser o momento de produção da abordagem triangular, dado que algumas instituições não conseguem disponibilizar espaço e material para a prática artística. Algumas ações educativas produzem materiais específicos com propostas e sugestões de atividades para continuidade na sala de aula e outros materiais úteis para professores.

Na prática, frequentemente as atividades propostas pelos professores depois das visitas são as mesmas: realizar um desenho ou um texto sobre como foi o passeio. Essa tarefa esteve presente na experiência de três das quatro pessoas que entrevistei: a professora de Mateus fez uma apresentação resumindo a história do Brasil Império antes da visita e depois pediu uma resenha sobre a ida ao museu, que foi avaliada. Raian, por sua vez, recebeu instruções para realizar anotações no caminho para o museu, e depois fez um relatório sobre esse trajeto, também avaliado pela professora. E, por fim, Beatriz contou que a professora propôs um desenho para que os alunos refletissem sobre aquela vivência. Essas são formas válidas de expandir a experiência para a sala de aula, mas que podem ser melhor aproveitadas e exploradas. Baseando-se nos eixos propostos pela Abordagem Triangular de ensino de arte, a experiência no museu pode ser momento propício para a leitura e a contextualização das produções artísticas que, na escola, se completa e se articula por meio de propostas que envolvam a produção e a criação artística. Algumas instituições não possuem espaços adequados para propostas de ateliê, porém o inverso também acontece, às vezes é a escola

que não tem espaço adequado para o fazer artístico. Por isso, as relações de complementaridade entre escola e museu precisam ser valorizadas.

4.8 Materiais Educativos

Os materiais educativos produzidos por museus e outras instituições culturais tem como objetivo principal potencializar o encontro com a arte e fornecer recursos educativos para professores do ensino formal e educadores de diferentes áreas. Esses materiais podem ser folders, cadernos, publicações, variados tipos de jogos, etc; materiais impressos ou digitais distribuídos gratuitamente que procuram incitar e dar continuidade ao processo de reflexão provocado pela mediação (Coutinho, 2009). Aqueles que são específicos para professores contêm textos de apoio didático, sugestões de leitura e propostas de atividades para serem desenvolvidas na escola ou na própria exposição junto com os estudantes. Atualmente, porém, esses materiais interativos com propostas de atividades para a escola são raros, as poucas instituições que ainda produzem algum tipo de material estão fazendo publicações de textos que são mais curatoriais que educativos. Isso se dá pelo alto custo da criação e produção desses materiais, que são muito proveitosos e enriquecedores, mas precisam de um grande investimento para serem realizados.

4.9 Obstáculos Financeiros

Obstáculos financeiros podem prejudicar as ações educativas em instituições culturais de várias formas, podem diminuir o potencial da mediação e até impedir as visitas escolares. Se um museu não direciona recursos para o setor educativo, algumas atividades são impossibilitadas de acontecer, como a disponibilização de materiais educativos, citados no tópico anterior. Outro impacto que a falta de verba no museu pode criar é a falta de material - como lápis, tinta, papéis, etc -, o que dificulta o momento de produção artística, inserida na proposta triangular e que favorece a experiência de fruição artística.

Por outro lado, as escolas que carecem de recursos financeiros raramente conseguem possibilitar para os estudantes visitas a espaços culturais. Escolas públicas dependem de ações do governo que incentivam visitas a instituições culturais, como o extinto programa Cultura é Currículo, que levou mais de um milhão de estudantes a visitas culturais gratuitas no Estado de São Paulo no início dos anos 2000 (Secretaria, [s.d.]). Para essas escolas, também existe a disponibilização de ônibus, por parte do museu, como contrapartida pelo uso de recursos

públicos; porém, a quantidade de ônibus é limitada e abrange apenas escolas do mesmo município que o museu ou cidades vizinhas. Ou seja, escolas do interior têm ainda mais dificuldade para realizar esses deslocamentos, as públicas dependem das ações do governo e as particulares lidam com um custo alto que é financiado pelos responsáveis dos alunos, o que impede que todos os estudantes participem, já que nem todas as famílias têm condições para isso.

Na entrevista com Mateus, ele comenta sobre o programa da prefeitura de Guaratinguetá que possibilitou a ida até o Rio de Janeiro:

[...] a professora de História, Katia Sampaio, foi uma coisa que ela salientou pra gente logo no começo do ano, ela era aquela professora que já dava aula pra gente há uns 5 anos, e ela falou, gente, esse ano eu tô participando do pregão da prefeitura, a palavra era essa, pregão, mas em tese esse pregão seria uma quilometragem que a prefeitura cederia para as escolas pra viajar. Então, o que ela tava fazendo, participando disso pra poder levar a gente pra escola. Era um financiamento de um ônibus e tinha uma quilometragem específica para cada escola.

Raian também comentou sobre obstáculos financeiros, sua experiência foi como estudante de uma escola particular, que propõe visitas mas que são custeadas pelas famílias dos alunos:

A escola obrigava a participar dessas atividades e, às vezes, passei muita dificuldade financeira em casa, né? Então, às vezes, tinha... Porque, assim, o SESI é uma escola privada, [...] eles usavam, tinha essa visita, mas alguns professores, eu lembro da professora de português, passavam uma atividade cultural, um museu, um teatro, e ela obriga, a escola obriga. Tipo, você tem que ir. Não te leva, mas te obriga a ir. Só que tinha que pagar o ônibus. E não era todo mundo, porque tinha meses que estavam muito difíceis. Não dava para pagar, sei lá, 50 reais no ônibus. 50, 40. Então, meu pai falava, não, você não vai. [...] Então, eles não pagavam para você. Você tinha que dar um jeito. E não era só, o outro ponto importante, não era só o ônibus, era a alimentação também. Porque o SESI não dava, você tinha que comprar uma bolacha, um suco, levar alguma coisa. Aí eu fico pensando nessas práticas que distanciam a pessoa do museu [...] Se uma pessoa não pode, eu acho que deveria ser um problema da escola. E não, 85% da sala ia e outros 15% não foi, porque não tem dinheiro no mês para ir. E aconteceu várias vezes comigo que eu queria ir num passeio e minha mãe falou não. Aí minha mãe falava assim, eu não vou te levar porque você está muito desobediente. Mas era porque não tinha dinheiro.

Ela não ia falar para mim, você não vai porque a gente está dura aqui. [...] Mas olhando hoje e analisando, eu não ia em determinados passeios porque realmente não tinha dinheiro para ir.

A situação vivenciada por Raian é problemática porque a escola chegava a exigir a presença de todos na visita, mesmo sem garantir que todos conseguissem pagar, e mesmo se os professores não cobrassem presença, toda essa situação excluiria algumas crianças da oportunidade de ir a uma instituição cultural, de ter essa experiência coletiva com colegas.

Então, os fatores econômicos influenciam de várias formas a efetivação da ação educativa, a solução ideal é que o governo crie, ou reative, programas de incentivo à cultura em parcerias com escolas, e invista em museus e espaços de cultura públicos, para que estes possam oferecer um serviço melhor para a população.

5 MINHA EXPERIÊNCIA

Escolhi o tema deste trabalho durante o quarto ano da graduação, quando participei das disciplinas História de Vida e Práticas de Ensino III. A primeira me fez refletir sobre a minha trajetória com a arte, percebendo a importância do primeiro contato que tive com um museu, proporcionado pela escola. A segunda foi o momento de introdução teórica sobre educação não-formal, que intensificou meu interesse pela relação museu-escola. Além disso, nesse ano de 2023, trabalhei pela primeira vez como educadora em um museu, o que trouxe outra perspectiva para o presente trabalho. Neste capítulo irei comentar sobre minhas experiências com visitas de grupos escolares em museus, como educanda e como educadora.

5.1 Passeio Com A Escola

Durante o ensino fundamental fui pela primeira vez a um museu de arte em um passeio com a escola. Eu estudava em um pequeno colégio particular de Guaratinguetá, e foi planejada uma excursão de alunos de algumas turmas para a capital, o ano era 2011 ou 2012. Os responsáveis de cada criança tiveram que arcar com o custo do transporte e da alimentação, por esse motivo não foram muitos alunos.

Viajamos do interior até São Paulo e, pela manhã, fomos à Pinacoteca do Estado. Tenho poucas lembranças de lá, me recordo das paredes de tijolinhos à vista e das advertências para que ficássemos em fila. Até lembro de entrar e sair de várias salas e de ver uma escultura branca de forma humana, mas sem detalhes. Apesar de me interessar por desenho e pintura já nessa época, nenhum trabalho exposto ficou marcado na minha memória.

Visitamos o Mercado Municipal durante o almoço e depois fomos conhecer o Museu da Língua Portuguesa. Tenho mais lembranças desse museu, provavelmente por causa do caráter interativo e altamente tecnológico para a época. Eram muitas novidades, lembro de me deparar com várias telas, algumas onde a gente podia selecionar palavras e descobrir o significado e origem delas. Outro espaço que me recordo é uma sala escura onde existia um lugar para os espectadores sentarem e, então, acontecia uma apresentação com projeções de palavras pelas paredes e pelo teto.

Essas poucas informações são as únicas que consigo me lembrar. Depois da visita, acredito que não aconteceu nenhuma atividade ou conversa sobre essa experiência na escola, até porque vários colegas não tiveram condições financeiras para participar. Essa vivência foi

interpretada por mim como um passeio e esquecida por muitos anos, até fazer a atividade proposta na disciplina Histórias de Vida, quando a Professora Rejane incentivou a turma a refletir sobre suas trajetórias com a arte.

5.2 Educadora Em Museu De Arte

Neste ano, 2023, trabalhei pela primeira vez como arte-educadora em um museu. Foram aproximadamente seis meses de estágio e, durante essa experiência, tive a oportunidade de realizar várias visitas mediadas com grupos escolares. Pude então ver e colocar em prática o que antes tive contato apenas de forma teórica, estava iniciando a pesquisa para o trabalho de conclusão e essa chance de atuar na ação educativa de uma instituição cultural contribuiu com a realização dele de várias maneiras.

A primeira visita mediada que fiz aconteceu um mês depois que entrei para a equipe do museu. Eu e os outros educadores participamos de formações semanalmente, antes e durante a exposição, um espaço onde conversávamos sobre nossa atuação e sobre o conteúdo da exposição, além disso também recebíamos instruções de como planejar as visitas e lidar com os problemas recorrentes. A exposição que trabalhei tratava da Serra da Capivara, abordando esse tema a partir de um viés histórico e artístico, contando com várias produções de arte contemporânea, além dos achados líticos e paleontológicos. Diante disso, foi uma exposição muito procurada por instituições de ensino, o que me proporcionou a oportunidade de praticar várias mediações. Pude trabalhar as minhas abordagens, conversar com meus colegas de trabalho sobre os desafios com que me deparei e refletir sobre o processo da mediação a partir do lugar do mediador.

Um desses desafios que encontrei foi a falta de tempo, como estagiária, não tinha tempo para me dedicar a pesquisa e preparação para a mediação, tinha que lidar com outras funções que não deveriam ser do setor educativo, como fazer vendas na lojinha do museu ou montar os lanches para os grupos escolares. O tempo também foi um desafio nas próprias visitas, como era a minha primeira experiência, precisei aprender como administrar o tempo, como realizar a visita que idealizei e como estabelecer uma relação de confiança com os visitantes nesse breve encontro. Tive que aprender a lidar com as minhas expectativas e com as do grupo, compreender que a visita nunca acontecerá exatamente como planejei, mas ainda pode ser enriquecedora. Foi preciso também reconhecer que uma boa mediação não dependia só de mim, e que muitos grupos chegam ao museu esperando uma visita estilo palestra, uma reprodução da sala de aula. Em algumas situações, os estudantes e professores resistiam à

interação, e eu acabava cedendo à abordagem conteudista, onde eu era a única voz. Felizmente, esse cenário não foi muito frequente, mas ressaltou a influência significativa da atuação dos professores na qualidade da mediação. Muitos deles, talvez sem perceber, reforçavam a visão de que museus eram lugares inacessíveis, criando um sentimento de não pertencimento nos alunos. Lidei com casos em que professores insistiam no silêncio das crianças, enquanto eu tentava promover a participação ativa e alguns mencionavam avaliações sobre a visita como forma de cobrar atenção. Vários professores, porém, conseguiram fazer uma mediação proveitosa entre o grupo e o museu, especialmente aqueles que conheciam o conteúdo da exposição.

Embora tenha encontrado afinidade com certos grupos etários e desafios com outros, todas as visitas tiveram pontos positivos e me motivaram a continuar trabalhando com arte educação. Espero ter a oportunidade de ter mais experiências como mediadora e evoluir minha atuação como educadora, achar um espaço onde eu possa efetivamente aplicar os princípios de uma mediação de qualidade, conforme delineados neste estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus podem desempenhar um papel fundamental na educação formal a partir da promoção do diálogo entre o público e a arte. A mediação, como uma ferramenta valiosa, desempenha um papel essencial ao aproximar as pessoas das obras de arte, estimulando a percepção, o espírito crítico e a construção ativa do conhecimento. Nesta pesquisa procurei ressaltar a importância de uma mediação eficaz e personalizada para tornar os museus espaços de reflexão, questionamento e aprendizado, contribuindo para uma sociedade mais informada e engajada com sua cultura.

A relação entre museus e escolas, portanto, desempenha um papel vital no desenvolvimento educacional e cultural dos estudantes. Parcerias entre essas instituições proporcionam experiências valiosas que ampliam o conhecimento, incentivam o interesse interdisciplinar e contribuem para a valorização do patrimônio cultural. A escola possibilita oportunidades de contato com exposições e atividades culturais e a mediação dos educadores dos museus é essencial para tornar a experiência mais inclusiva e significativa, porque as barreiras simbólicas e econômicas podem dificultar o acesso. A mediação é essencial para tornar os museus mais acessíveis, facilitando o acesso de alunos de diferentes origens sociais. A compreensão das necessidades dos estudantes, a criação de ambientes acolhedores e motivadores, e o uso do potencial pedagógico dos museus levam a educação para além do espaço confinado da escola, transformando indivíduos em cidadãos conscientes e sujeitos da sua própria história.

No entanto, o trabalho de mediação em museus enfrenta desafios significativos que afetam a qualidade da experiência dos visitantes, especialmente dos estudantes. Como a desvalorização do setor educativo, a falta de recursos, a formação insuficiente de mediadores e a resistência em reconhecer o valor da educação em museus são obstáculos a serem superados. A preparação dos professores e a administração do tempo durante a visita são fundamentais para garantir uma experiência enriquecedora. E a continuidade da experiência é essencial para consolidar o aprendizado.

Em resumo, a mediação em museus é uma ferramenta valiosa para educação formal, mas enfrenta uma série de desafios que precisam ser superados para garantir que todos os estudantes possam desfrutar plenamente dessas experiências culturais. Superar esses desafios requer investimentos, conscientização e colaboração entre museus, escolas e governos. As minhas experiências pessoais, tanto como visitante quanto como educadora, forneceram

algumas percepções sobre os desafios e as recompensas da mediação museal, destacando a importância das interações entre educadores, museus e professores no desenvolvimento de visitas educativas significativas. No geral, minhas vivências e as entrevistas realizadas contribuíram para uma compreensão mais profunda da função dos museus como ambientes educativos e incentivaram uma reflexão sobre como aprimorar a qualidade das experiências educativas nos museus de arte.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Valéria Peixoto de. **O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte**. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Aprendizagem da Arte) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/1877a621-9939-4f3d-9ec2-f2de75b69269> Acesso em: 6 out. 2023.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 10, p. 50-56, 1997. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i10p50-56. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36322>. Acesso em: 6 out. 2023.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um museu de arte. **Revista USP**, [S. l.], n. 2, p. 125-132, 1989. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i2p125-132. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25467>. Acesso em: 6 out. 2023.
- BARBOSA, Ana Mae. Educação em Museus: termos que revelam preconceito. In: AQUINO, André (org.). **Diálogos entre arte e público** – Caderno de textos. Recife/PE: Fundação de Cultura da Cidade de Recife, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BATISTA, Regina. Diálogos entre Arte e Público no Museu. In: AQUINO, André (org.). **Diálogos entre arte e público** – Caderno de textos. Recife/PE: Fundação de Cultura da Cidade de Recife, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Edusp; Zouk, 2003.
- CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O Público Infantil nos Museus. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 41, n. 3, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/52329>. Acesso em: 6 out. 2023.
- COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- COUTINHO, Rejane Galvão. **Recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural**. Módulo III, disciplina 06. São Paulo: Unesp/Redefor, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/455/7/art_m3d6_tm01.pdf. Acesso em: 6 out. 2023.

COUTINHO, Rejane Galvão. Vivências e experiências a partir do contato com a arte, in TOZZI, Devanil. **Educação com arte** - Ideias 31. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2004. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/220130821152309ideias%2031%20rejane%20coutinho%20pags%20143%20a%20158.pdf>. Acesso em: 6 out. 2023.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALEANO, Eduardo. A função da arte/1. **O livro dos abraços**. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora L&PM, 2018.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: Secretaria do Estado da Educação. **Expedições Culturais - Guia Educativo de Museus do Estado de São Paulo**. São Paulo: FDE, [2003].

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 1, n. 3, 2014. DOI: 10.22456/2357-9854.52575. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/52575>. Acesso em: 6 out. 2023.

MUSEUS do Brasil. **Site do Instituto Brasileiro de Museus**, Brasília, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/os-museus/museus-do-brasil>. Acesso em: 6 out. 2023.

NOVA Definição de Museu. **Site do International Council Of Museums**, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 18 out. 2023.

PINHEIRO, Maria de Paula. **Ensino de arte em museus da cidade de São Paulo: tópicos modernos e contemporâneos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.48.2014.tde-08122014-131411. Acesso em: 6 out. 2023.

POSSIBILIDADES educativas em museus de história: parcerias e conflitos. **Blog do Museu da Imigração** - Publicações Educativas, São Paulo, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/publicacoes-educativas/possibilidades-educativas-em-museus-de-historia-parcerias-e-conflitos>. Acesso em: 6 out. 2023.

ROSSI, Maria Helena Wagner. Leitura visual e educação estética de crianças. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2015. DOI: 10.22456/2357-9854.58085. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/58085>. Acesso em: 6 out. 2023.

SANTANA, Pio. A mediação no museu e os resultados na sala de aula. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SECRETARIA do Estado da Educação. **Programa De Incentivo À Cultura**: Programa levou mais de 1 milhão de alunos a visitas culturais gratuitas no Estado. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/cultura-curriculo>. Acesso em: 11 out. 2023.

APÊNDICE

1. Entrevista Raian Silva Vidal

Maria - Oi, Raian. Você pode se apresentar?

Raian - Oi, tudo bem. Estou muito feliz com o convite de falar um pouquinho sobre a minha relação com os museus. Sou Raian Silva Vidal, tenho 22 anos. Atualmente estou cursando História na Federal de São Paulo, no Campus de Guarulhos. E muito disso, pelo fato de eu estar cursando História, é por conta dos museus que entraram na minha vida, tanto pelos meus familiares, tanto pela escola. Por isso que eu sou muito fã de incentivar com que as escolas saiam também e vão adentrar espaços museológicos.

M- E de onde você é? Você mora em Guarulhos mesmo?

R- Nasci num hospital de São Paulo, mas sou de Guarulhos desde o primeiro dia que minha mãe levou pra minha casa, que eu ainda moro lá. Então nunca saí de Guarulhos, minha infância toda foi lá e os momentos, não sei se eu já comento sobre isso, talvez melhor não, vamos para a próxima pergunta.

M- Você já participou de uma visita mediada ou não em um espaço cultural voltado às artes, como um museu, um SESC?

R- Sobre essa pergunta, tem dois momentos, quando criança e quando jovem e adulto. No primeiro momento, com a escola, tinha visitas guiadas, as professoras, a gente percebia que tinha uma vontade delas, de levarem a gente para os museus, tanto que eu estudava no SESI, em Guarulhos. Toda a minha formação foi lá, do Ensino Fundamental, primeiro ano, até o Ensino Médio. E a gente percebia que no Ensino Fundamental I e um pouco no II, as visitas aconteciam. Tinha esse interesse das professoras, principalmente das professoras de pedagogia. Então a gente ia para o Catavento, a gente foi para o Museu do Ipiranga, foi para a Fiesp, conheci vários lugares. Pagava uma taxa, um dinheiro simbólico para ajudar com os custos de transporte, mas a gente ia. Então a gente percebia esse interesse. Em contrapartida, minha irmã, também do SESI, só que de outra unidade de Guarulhos, da Vila Augusta, porque, fazendo parênteses bem rapidinho para contextualizar você, SESI está espalhado no Brasil todo. Em Guarulhos, tinha três unidades. Ponte Grande, que é do lado da Penha, Vila Augusta, que é do lado da Ponte Grande, é um bairro colado, vizinho, e tinha do Cocaí. O Cocaí era o mais famosinho e era o que tinha mais recursos.

M- Esse é o que você estudava?

R- Não, eu estudava na Ponte Grande, que era o mais... mais... pobrezinho. Eu não queria usar essa expressão, mas é o que não tinha muitos recursos. A infraestrutura era difícil, materiais eram difíceis, tudo era mais difícil lá e na Vila Augusta. Vila Augusta até mais. Os

recursos lá também eram difíceis. E só para contextualizar, para conseguir imaginar, o Cocaí, que tinha mais recursos, tinha o Cat, que era como se fosse o SESC deles, C-A-T. E então foi isso. Então a gente percebia que tinha... e só para finalizar esse parênteses, depois juntou tudo em um SESI só. Então hoje, se você pesquisar sobre o SESI de Guarulhos, todos estão no Cocaí. Eles ampliaram e tiraram a Ponte Grande de Vila Augusta e colocaram tudo no Cocaí. Conseguiram comportar tudo. Então a gente percebia o movimento das professoras de levar a gente para esses lugares. Para o teatro também. A gente foi bastante no teatro ver peças. No ensino médio também teve. Então aí esse foi o primeiro momento. Esse primeiro momento com as professoras. E o segundo momento foi jovem me interessando pelo mundo artístico, histórico e tentando me colocar nesse mundo. Então aí já fui eu mesmo indo para os museus, tentando conhecer os museus e tentando conhecer as exposições. Só que na minha mente eu pensava que museu você só podia entrar com a escola. Eu não pensava que você podia ir. Eu pensava que tinha que ter a escola lá. E era mais um momento de diversão do que propriamente um momento de estudo. Eu sentia isso. Só que a minha amiga que está cursando história da arte hoje na UNIFESP, ela era muito ligada com as exposições. Porque a família dela também levava ela. Então ela era muito ligada e ela começou a incentivar isso em mim. Tipo, vamos ir lá num museu, vamos no MASP, vamos no... enfim, no CCBB, em outros museus. E aí eu acabei indo. Então nessa parte não teve a mediação. Foi eu mesmo indo, lendo os textos da curadoria. Então tem esses dois momentos. E agora um terceiro momento que é eu trabalhando como educador. E agora eu estou percebendo como que comportam os educadores nas outras exposições, nas outras instituições.

M- Fala um pouco sobre uma visita que você foi com a escola, qual o ano que foi e quantos anos você tinha na época.

R- Três visitas me marcaram muito na minha formação e ficam na minha mente até hoje. Duas com mediação e uma sem, mas eu vou comentar essa sem também, mas eu dou o foco mais para as outras duas. A primeira delas foi o Museu do Ipiranga, quando eu visitei eu não lembro exatamente quantos anos eu tinha, mas eu era uma criança, então provavelmente doze anos, onze. Logicamente foi antes da reforma, de fechar, e eu não entendi o que era aquilo. Eu só achava aquilo imenso, gigante, aquela estrutura gigante. Fiquei fascinado pelas coisas antigas que eu vi, então lembro de ter visto os automóveis. Eu lembro que tinha um automóvel, agora eu fui de novo e não vi esse automóvel, mas eu lembro de ter visto os monumentos. E aquilo me chamou muito a atenção, aquela grandiosidade do museu e tudo que tinha lá dentro. Eu fiquei muito instigado para entender o que era história e o que era saber que você vive num momento que atrás de você também tem outros momentos. Então eu fiquei muito fascinado por essa visita no Museu do Ipiranga. E foi nessa visita que eu tomei conta de que existia história e de que eu queria trabalhar nesse espaço. Eu não sabia como, não conseguia nomear. Eu era criança ainda, tinha um pouco de história na escola, a gente abordava sobre... Eu lembro da professora de pedagogia, professora Ariana, maravilhosa, que eu fiz com ela o terceiro e quarto ano. Terceira série, quarta série, hoje em dia quarto ano, quinto ano. Só que na minha época era série. E a professora Ariana falava sobre a chegada da família real para o Brasil em 1808. E são temas que hoje eu quero seguir no TCC, no

mestrado, quero seguir pesquisando essas coisas. E desde então eu fiquei fascinado por essa história.

M- No Museu do Ipiranga, a professora fez a mediação com vocês ou foi um funcionário do museu, você lembra?

R- Eu me recordo de frames, de cortes, então eu lembro eu descer na escadaria, eu indo para lugares que... Porque era uma surpresa, era uma surpresa, quando eu cheguei lá foi uma surpresa. Quando eu cheguei lá eu vi aquela imensidão, aquela casa enorme, aquele prédio enorme. Então qualquer lugar que eu ia era uma surpresa, porque eu não sabia o que esperar. Então eu lembro de ter ficado muito surpreso e eu lembro de cortes, então eu lembro dos monumentos. Então pelo que eu lembro foi um funcionário do museu que fez essa mediação. Mas a professora estava presente, estava presente. E então aquilo me fascinou muito. E eu não entendia aquilo, essa pessoa, eu não entendia como um trabalho. Acho bem interessante isso. Não tinha essa noção de que poderia ser um trabalho. E o segundo momento foi o catavento, que o catavento foi também muito importante, foi com a professora Ariana. A professora Ariana levou a gente. Eu tenho até uma foto, aquela foto clássica de escola que está todo mundo. A professora e todo mundo. Eu vou tentar achar para você. E o catavento também, foi outra experiência revolucionária na minha vida. Porque o catavento é muito popular, ele chama muitas crianças. Porque tem muito aquela parte do toque, de você poder tocar nos objetos. As coisas que no museu tradicional, MASP, MuBE, você não pode sair tocando as coisas. Então foi muito bom estar lá, foi muito interessante. Aí recentemente, antes da pandemia, levei meu sobrinho para lá. Meu sobrinho tem 10 anos hoje. Levei para lá, para ele sentir também o que eu senti. E ele também ficou muito impressionado e feliz de estar naquele ambiente, de estar lá. Curiosamente, vou falar essa uma curiosidade. Talvez não seja relevante, mas levei. Eu até acho interessante comentar isso, essa relação museu. Porque muita gente acha que não é pertencente a esse local. E tipo, todo mundo é. Todo mundo tem que frequentar esse local.

M- Eu ia te perguntar sobre isso. Se quando você foi no museu do Ipiranga pela primeira vez, você lembra como você se sentiu? Você se sentiu acolhido? Ou você se sentiu alguém que não pertencia lá?

R- Eu vou ser sincero, como eu me senti? Eu me senti... Eu não vou falar historiador, porque eu acho que eu nem sabia o que era essa palavra. Mas eu me senti uma pessoa descobridora. Descobridora eu também não quero falar, não gosto desse termo, mas... Eu me senti pertencente, eu me senti... Eu acho que a criança fica tão maravilhada que eu acho que... Eu me senti numa aventura. Eu me senti numa aventura, é isso. Eu me senti descobrindo um mundo. E uma coisa interessante, que minha mãe nunca foi chegada... Eu não sei nem se vai ter outras perguntas sobre isso, mas eu vou citar esse exemplo porque eu acho interessante. Minha mãe nunca foi chegada a museu. Ela sempre se considerou... Ela sempre achou que ela não podia entrar nesses lugares. E... Quando teve a reabertura do Museu do Ipiranga, eu sempre deixei claro pra minha família toda, desde quando eu decidi fazer história. “Gente, eu quero ir pro Museu do Ipiranga na semana da inauguração. Eu vou

fazer o que for possível.” Eu joguei pro universo. Eu falei, eu vou pro Museu do Ipiranga. Não sei como. Eu, se não me der o ingresso, eu bato lá na porta, faço um escândalo, faço alguma coisa, mas eu vou no museu na semana da inauguração. O meu objetivo mesmo era ir no dia exato, no 7 de setembro, no dia da reinauguração. Mas tudo bem, não deu pra ir, né? Porque fecharam pros trabalhadores, tudo, entendo. E realmente é super plausível. Eles são a prioridade. Eles que fizeram acontecer as obras. E super relevante as famílias também presenciarem, né? Mas aí eu fui no dia 10 de setembro, e levei minha mãe. E eu comentei com a minha mãe só. “Ah, quero ir no Museu do Ipiranga”. Só que tava tendo muita notícia sobre o Museu do Ipiranga na Globo, e ela sempre deixa Globo ligado, né? Então, ela mesmo que quis. Ela que se interessou. Falou assim, aí, quando você for, você me dá um toque que eu quero ir também. Foi muito concorrido pra conseguir o ingresso. Mas eu acho que assim, joguei tanta energia pro universo, tanta... Tanta coisa que deu certo, né? A minha mãe, ela era muito resistente com história. Ela sempre foi assim, ah, faça o que você quiser da graduação. Estude o que você quiser. E também a minha mãe não é uma mãe que fala, você precisa estudar. A vida é sua. Faz o que você quiser. Mas eu acho que o Museu do Ipiranga... A gente percebe... Eu percebo, né, que ele me aproximou da história na minha infância. E também aproximou a minha mãe da história agora. Fez com que a minha mãe fizesse amizade com a história. Porque ela não gostava... Ela não gosta desses espaços museológicos. Só que o Museu do Ipiranga, quando ela chegou lá, ela... Eu acho que ela começou a entender como que funciona a história. E as potencialidades da história. Porque eu acho que ela achava que história era só você dar aula. E eu falava, com certeza, eu quero dar aula. Quero sim, um dia eu vou dar aula. Eu gosto de dar aula. Mas tem outras possibilidades também, né? Arquivo, museu, curadoria, pesquisa, tudo. E ela conheceu. E ela entrou lá e ela ficou muito emocionada. Porque ela viu coisas da época dela. Que ela usava na infância dela, na adolescência dela. Ficou muito emocionada. E ela preparou um look. Comprou uma roupa. Só para ir no Museu do Ipiranga, né? E tem esse ponto também, que eu acho super interessante. Que as pessoas tratam o museu como também um evento. Então elas... Eu falo isso de maneira geral. Um achismo meu. Baseado nas minhas experiências pessoais. Com a minha família. Pessoas próximas que nunca estiveram no museu. E as pessoas tratam como se fosse um evento. Então, se arruma para tirar foto. E ela toda hora... Eu não consegui ver nada no Museu do Ipiranga. Tipo... Porque a forma dela ver uma exposição é totalmente diferente da forma que eu vejo, né? Então eu queria ler a curadoria e tudo mais. Mas nesse momento eu falei, não. Não vou ler nada. Eu vou ver como que tá. E a gente começou a tirar foto de tudo. E todo canto ela queria tirar uma foto. Então aí eu levei a minha mãe, o meu pai e os meus sobrinhos. Eu tive essas duas visitas. No Catavento foi uma pessoa também. Uma pessoa orientando. E aí o Museu do Ipiranga pelo que eu me lembre também tinha. E uma outra experiência também. Um outro museu que eu queria falar é o Museu do Transporte. Que é um museu muito pequeno. No Canindé, na Armênia. É um museu muito pequeno. É da SP Trans, quem comanda a SP Trans. A SP Trans, se eu não me engano, fechou na pandemia e não abriu mais o museu. E é um museu que o meu pai me levava muito na minha infância. Então me aproximou com a história. Porque para você sair de Guarulhos no meu bairro você tem que... E se você quiser ir para São Paulo A estação mais próxima é a Armênia. Então todos os ônibus que saem do meu bairro. A maioria, não todos. Mas a maioria dos ônibus que saem de Guarulhos eles vão tudo para a Armênia. E lá é colado com a estação. O museu. Esse foi um

dos pontos do porque meu pai me levava tanto. E o segundo, porque ele é apaixonado por história dos carros, dos automóveis, história da cidade. Meu pai é muito fascinado com a história da cidade. E muito desse fascínio dele impacta também em quem eu sou. E nas minhas vontades futuras. Então eu me descobri. Eu descobri que eu tenho um interesse. De trabalhar a história do patrimônio. História da cidade. Trabalhar monumentos. E se você ver. Se você fazer uma análise. Todas essas minhas experiências, na infância, na adolescência contribuíram para quem eu sou hoje. Porque eu estou pesquisando essas coisas. Então é isso. Aí é um museu que é, não tem mediação lá. Tem poucos funcionários. É quase se fosse um galpão. É algo bem precário. Eu ia sempre. Tinha uma vez que eu fui e estava bem precário. Só que é lindo, é divino. E meu pai sempre quando vê alguma foto antiga de Guarulhos de São Paulo ele me manda essa foto. E eu acho isso muito lindo. Porque mostra o apoio dele com a história. Mas é isso.

M- Você lembra da primeira vez que você foi em um museu? Com a escola ou foi então com seu pai nesse museu?

R- Com a escola. Eu não sei te dizer qual foi exatamente o museu. Mas eu acredito que tenha sido o Catavento ou o Museu do Ipiranga. Mas a gente sempre ia nesses. Catavento, o Museu de Piranga ou a Fiesp. Porque como eu disse, acho que esqueci de comentar. Chegou o momento que os professores pararam de fazer visita. Pelo comportamento da sala. Pelo custeio do transporte. Por diversos fatores. E a gente começou a parar de ter essas visitas.

M- Então você visitou o museu e logo depois você já foi visitando outras vezes, não ficou muito tempo sem ir numa instituição.

R- Importante isso que você falou. Porque assim que eu saí da escola nos últimos anos do ensino médio, no segundo, no terceiro. Então vamos colocar aí 2017, 2018. Eu estava... Eu tinha já ciência que eu queria fazer história. Eu tinha pensado outras coisas também, como direito, que hoje eu não me vejo. Então aí em 2017, 2018 eu já tinha ciência que eu queria fazer história. Então eu comecei a me dedicar mais pra matéria de história na escola e também comecei a buscar museus. Então foi nesse período que eu fui pela primeira vez no MASP. Foi nesse período que eu fui. Porque eu só ia no Museu do Transporte, nessas exposições da escola. Então aí eu comecei pro MASP. Entender o que é o MASP. Porque todo mundo falava de MASP. E eu, gente, o que é MASP? O que é Avenida Paulista? Aí eu comecei no MASP, que foi uma grande surpresa. Porque no MASP era diversas... diversos tipos de arte. Até porque também tem muita arte contemporânea. Então, pra minha cabeça, naquele momento, não entendi o que era arte contemporânea.

M- Depois ou antes da visita ao Museu, o professor com que você foi falou sobre a visita, fez alguma atividade, como que foi?

R- Essa pergunta é muito interessante porque eles sempre pediam pra gente ficar atento ao que a gente ia ver e pedir pra levar um caderno de anotações. Então, eu não entendia muito bem o que era anotações, enquanto eu era criança. O que é pra anotar? Anoto tudo? O

que eu escrevo? Vi um quadro. Só que eu não sabia como analisar aquele quadro, era muito pequeno. Então, como a gente saía de Guarulhos e ia pra São Paulo, era uma realidade totalmente diferente da nossa. Nossa, Guarulhos, embora seja uma cidade grande e esteja colada do lado de São Paulo, é muito diferente. Você consegue notar, você sai de lá, você consegue sentir a diferença de uma cidade pra outra. Então, Guarulhos e São Paulo é cheio de instituições, é cheio de coisa. Então, quando a gente fazia esse percurso, como uma forma também, eu acho, de frear o pessoal, de parar a gritaria e deixar todo mundo quieto, a professora pedia pra gente escrever um relatório do que a gente viu no caminho. Uma vez, eu escrevi um relatório e a professora gostou. Eu lembro até hoje desse relatório, porque eu era muito ruinzinho em... ruinzinho segundo a escola, né? Em fazer produções, porque eu tinha muita dificuldade de anotar o que eu estava vendo. Eu tinha dificuldade de articular as coisas. Então, aí a professora gostou desse texto que eu fiz, eu analisando a rua. Então é isso. Aí a gente fazia esses relatórios durante o caminho e fazia uma atividade. Escrevia durante a exposição o que a gente estava vendo e quando a gente chegava na escola a gente tinha que fazer, não naquele dia, né? Mas durante o tempo escolar a gente tinha que fazer um desenho que a gente viu, uma produção escrita, alguma coisa, né? Para a professora avaliar.

M- Era professora de artes ou de outra matéria?

R- Pedagogia. E uma coisa interessante que eu acho bom comentar é que isso é muito importante porque a minha escola obrigava isso no ensino médio ou, se eu não me engano, fundamental 2, mas indo para o ensino médio. A escola obrigava a participar dessas atividades e, às vezes, passei muita dificuldade financeira em casa, né? Então, às vezes, tinha... Porque, assim, o Sesi é uma escola privada, só que ele, antigamente, você pagava uma taxa simbólica, né? Porque só podia entrar no Sesi os pais que estavam trabalhando numa indústria. Então, a gente pagava uma taxa, né? O ensino médio, ensino médio não, fundamental 1 e 2, a taxa era super baratinho para a época. Era muito barato, muito, muito, muito barato, com professores excelentes. E... Teve uma época que o Sesi era de graça, não pagava. Só você passar no processo seletivo e tudo mais. Os professores muito bons também, mas assim, o que toca, um ponto muito importante, eles usavam, tinha essa visita, mas alguns professores, eu lembro da professora de português, passavam uma atividade cultural, um museu, um teatro, e ela obriga, a escola obriga. Tipo, você tem que ir. Não te leva, mas te obriga a ir. Só que tinha que pagar o ônibus. E não era todo mundo, porque tinha meses que estavam muito difíceis. Não dava para pagar, sei lá, 50 reais no ônibus. 50, 40. Então, meu pai falava, não, você não vai. Então, várias, minha turma, porque a turma que eu tive, a gente foi do 2007 até 2018 juntos. Então, o pessoal saía do básico, primeiro ano, primeira série, e até o ensino médio junto. Então, eles não pagavam para você. Você tinha que dar um jeito. E não era só, o outro ponto importante, não era só o ônibus, era a alimentação também. Porque o Sesi não dava, você tinha que comprar uma bolacha, um suco, levar alguma coisa. Aí eu fico pensando nessas práticas que distanciam a pessoa do museu, você fazer isso. Se uma pessoa não pode, eu acho que deveria ser um problema da escola. E não, 85% da sala ia e outros 15% não foi, porque não tem dinheiro no mês para ir. E aconteceu várias vezes comigo que eu queria ir num passeio e minha mãe falou não. Aí minha mãe falava assim, eu não vou te levar porque você está muito desobediente. Mas era porque não tinha dinheiro. Ela não ia falar para

mim, você não vai porque a gente está dura aqui. Na minha cabeça ela falava, você está muito respondão. Usava muito essa expressão, você está muito respondão, então você não vai num passeio. Mas olhando hoje e analisando, eu não ia em determinados passeios porque realmente não tinha dinheiro para ir. E eu acho que assim, até mesmo a Fiesp, a Fiesp do Sesi, era difícil ir para a Fiesp. Porque a gente ia uma vez ou outra, era muito difícil. E eu não lembro, eu queria muito lembrar se a Fiesp pagava os custos do ônibus, mas eu acho que não pagavam. Mas tinha muito passeio cultural, muita exposição, muito teatro, muita coisa.

2. Entrevista Mateus José Guimarães De Abreu

Maria - Começou a gravar, pode se apresentar.

Mateus - Então tudo bem, meu nome é Mateus, eu tenho 21 anos, sou professor de francês, sou natural de Guaratinguetá, e tenho um interesse muito grande pela visitação de museu, contato artístico, já trabalhei em jornal, já escrevi sobre artes, já escrevi para revista das artes também, para a coluna da Magnália Costa, e tenho contato, mantendo uma aproximação pessoal e profissional com o meio das Artes.

Maria - Você já participou de alguma visita, mediada ou não, em um centro cultural voltado à arte, com a escola?

Mateus - Já, já sim. Eu já fui no Museu de História Natural do Rio de Janeiro, ali na Baía de Guanabara, o museu que pegou fogo em 2021, 2022, por aí.

Maria - Acho que foi 20.

Mateus - Foi nesse museu.

Maria - Mais algum?

Mateus - Eu fui no Masp, na Pinacoteca.

Maria- E em algum desses museus, você foi com a escola, com o professor, e lá no museu, teve um funcionário que fez a visita mediada? Você lembra?

Mateus - Não, lembro, lembro. Já que você pediu pra restringir esse momento, eu vou acabar me restringindo nessa experiência que eu tive no Museu do Rio. No Museu do Rio, o grupo foi dividido em quatro. Cada um tinha um guia. Eles eram estagiários, ou de turismo, ou de artes visuais, da UFRJ, ou da Federal Fluminense. Eles não eram remunerados, e fizeram o trabalho de guia com a gente, ali dentro do museu, por todos os ambientes, todas as

sessões. Só que eles nunca deixavam de comentar o descaso que eles sofriam. Isso eu lembro até hoje, que a querida, que o nome dela era Carina, se eu não me engano, eu lembro o nome dela, acho que era Carina. Ela reclamava muito que a última limpeza do museu só tinha sido feita a partir de uma vaquinha entre os funcionários. Então ela sempre reclamou muito dos casos, tanto do governo estadual quanto do federal. Mas tinham guias, estagiários.

Maria - E nessa época, você tinha quantos anos quando aconteceu essa visita?

Mateus - 15, 16...

Maria - Você estudava em escola particular ou pública?

Mateus - Pública.

Maria - De Guará?

Mateus - Isso, de Guaratinguetá.

Maria - E como que foi essa... Você falou que lembra dela falando do descaso do governo com o museu, mas você lembra assim, o que ela falou sobre o museu? Se vocês fizeram alguma atividade, ficou marcado para você?

Mateus - Ficou, ficou. Foi uma visita extraordinária. Muito palpável no sentido de sentir que eu estava realmente participando de um museu como evento. A visita ao museu como um evento. A história do prédio é muito interessante, parte toda ali.. tinha um prédio histórico da região carioca, onde a família real se instalou. Então a gente visitou o quarto da rainha, o quarto do rei, que estava todo intacto. Daí tinha os artefatos da coroa. E aquilo tudo, nossa, eu lembro até hoje da cadeira, do trono real, que estava todo envolto em vidro, claro, mas que foi muito bonito. E o museu em si tinha material riquíssimo ali. Eu lembro até hoje de uma borboleta azul, que era a última borboleta da Ásia, alguma coisa assim, a última borboleta azul da Índia. Era um país da Ásia que tinha uma última borboleta catalogada, que depois que ocorreu a extinção, e estava nesse museu. Sem contar da Luzia, né? Da Luzia, que estava lá também, que tinha achado mágico. Eu me senti fazendo parte de algo muito grande. Ah, e também de um meteorito que estava logo na entrada, que foi o maior meteorito que caiu no Brasil. Ele caiu em Pernambuco, não sei lá em que ano. E a gente podia tocar, era a única peça do museu...

Maria - Podia tocar?

Mateus- Podia tocar. Era a única peça do museu que podia tocar, porque física, e afins, tinha uma energia ali em volta. Ele tinha uma vibração, era como se formigasse, então a gente podia tocar e se encher e formigar na mão. Era muito legal. Foi a primeira coisa que a gente viu, foi essa pedra, o meteorito.

Maria - Nossa, que legal.

Mateus - Foi muito bom.

Maria - E essa então não foi a primeira vez que você foi para um museu?

Mateus - Um museu, digamos assim, numa escala de reconhecimento, sim.

Maria - Foi a primeira vez?

Mateus - Considero que sim.

Maria - Quais que você já tinha ido antes, que você não considera nessa escala de reconhecimento?

Mateus - Nessa escala de reconhecimento, eu já visitei o museu de Frei Galvão, o de Guará mesmo. Museu Rodrigues Alves, a minha madrinha era agente cultural do museu, então eu ia sempre lá. Não entendia nada, claro, mas ela coordenava o Museu Rodrigues Alves.

Maria - E no Museu do Rio, como que você se sentiu? assim, claro que muito feliz com a novidade... mas você se sentiu num espaço que você pertencia ou você se sentiu meio deslocado?

Mateus - Eu me senti num espaço de pertencimento, porque é um museu que eu acredito que é impossível você não ficar impressionado com as coisas que tem, com o valor palpável, visual que tem ali. O material que tem lá é extremamente raro, que tinha, não sei, não acompanhei depois como foi a restauração. Então colocando esse tinha, o material que tinha lá que eu vi, que hoje tá na minha cabeça só, porque o celular que eu tirei mil fotos foi perdido em assalto. Então era coisa muito que mexia muito, não tinha como, não tinha múmias, tinha um catálogo de borboleta, mas realmente, uma das coisas que me tocou muito também foi o quarto de oração da rainha, a gente foi no quarto da Maria primeira, que era o quarto dela, ele tava todo, a cama era envolta, era toda protegida, com contenção, só que ela tinha um quarto de oração, nesse quarto de oração a gente podia entrar, e era um quarto que tinha um, ele era no segundo andar, só que daí o teto dele ia até o infinito parecia, e lá em cima era tudo de ouro, e tinha os anjos, e os nomes dos netos, dos filhos dela, e era muito bonito, era muito bonito, e tudo aveludado e muito cheiroso.

Maria - Cheiroso?

Mateus - Cheiroso, tinha um cheiro de limão, assim, de limpeza, era muito cheiroso. Então eu me senti acolhido no sentido de que no país tem uma arte, eu tô contente em saber que eu faço parte disso, então foi uma experiência extraordinária.

Maria - E esses mediadores foram importantes pra esse acolhimento?

Mateus - Foram, foram, ainda que eles não conseguiam separar isso, não conseguiam, realmente não conseguiam ser transparentes nesse ponto, foi um momento muito interessante, porque toda essa abordagem, essa bagagem, eles passavam pra gente em forma oral, de maneira oral, porque ninguém ali tinha paciência pra ficar lendo os escritos que tinha, a gente recebia o panfleto, e cada, digamos assim, monumento que a gente via, tinha toda uma ficha técnica, com uma história riquíssima ali em texto ditado, só que essa parte desse encantamento, tornar a arte cativa parte um deles, porque foi todo um trabalho oral que eles fizeram, sabe? Foi muito bom.

Maria - E você foi com professor de história? Você lembra?

Mateus - Fomos em quatro professores, tinha a Katia Sampaio, era professora de história, só que eu não fiquei no grupo dela, o professor Guilherme, que era de ciências, eu tava no grupo dele, a esposa dele, que era professora de inglês, a Luciane, e uma professora eventual de artes, a Marilene.

Maria - E tipo, quando vocês foram, teve alguma coisa antes, eles falaram sobre o museu antes, ou depois teve alguma atividade pra falar sobre essa visita, sobre o que aprendeu, alguma coisa assim?

Mateus - A professora de história, a Katia Sampaio, ela fez um aproveitamento antes e depois da visitação, toda a partida da visita do museu partiu dela, então antes da visita, ela fez um apanhado geral, claro que o período ali Brasil-Império, ou seja, o primeiro e o segundo império, não condizia com o momento que a gente tava estudando história, era um assunto mais pra frente no ensino médio, só que ainda assim ela passou pra gente todo um repertório da parte histórica da família real, da construção do museu, isso salientou coisa condensada sobre obras importantes no museu, muito pra instigar a gente também, e depois também, depois ela pediu uma resenha, não era a redação, não era nada tão formal, mas era um relato de experiências sobre o museu que ela deu nota, sobre qual critério, não sei, mas ela pediu um relatório de experiências, um relato.

Maria - Ah, legal, é bom pra fixar, assim, às vezes, talvez você lembre tanto porque você teve essa atividade, assim, pra fixar.

Mateus - É verdade.

Maria - E a última pergunta é quanto tempo você levou pra visitar o museu de novo?

Mateus - Pra voltar no mesmo museu?

Maria - Ou outra instituição cultural, assim, se você lembra, né, tipo, foi muito tempo, não precisa ser exatamente assim.

Mateus - Eu acho que simulacramente, assim, eu não consigo colocar num período de tempo a cada dois anos, eu faço uma visita, mas eu posso obviamente falar que eu sou um, eu tenho essa parte, assim, bem forte de mim, quando eu vou pra algum lugar e sei que tem um ponto cultural, um centro a ser visitado, a ser visualizado, a ser visitado, eu frequento, então é uma coisa de uma vez por ano eu frequento o museu, no máximo dois anos, sim.

Maria - E quando você foi pro Museu do Rio e depois você chegou a ir a outros museus com a escola, é isso?

Mateus - Sim.

Maria - Quais que você foi só pra citar?

Mateus - Eu fui no de Frei Galvão, eu fui no Museu do Sítio do Pica-Pau Amarelo, no Museu do Monteiro Lobato, eu fui no MASP, eu fui no MAM, não sei se foi com a escola, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, ou foi com a escola? É, aí já não foi com a escola, com a escola foram esses, Rio, Frei Galvão, Rodrigues Alves e MASP.

Maria - E você, não sei se você vai saber dizer essa pergunta se não souber a devo usar, mas tipo, você foi bastante até nos museus, você sabe se era iniciativa dos professores, a escola sempre foi assim de fazer visita?

Mateus - A única que eu sei responder foi da experiência no Rio de Janeiro, porque como eu falei, a professora de História, Katia Sampaio, foi uma coisa que ela salientou pra gente logo no começo do ano, ela era aquela professora que já dava aula pra gente há uns 5 anos, e ela falou, gente, esse ano eu tô participando do pregão da prefeitura, a palavra era essa, pregão, mas em tese esse pregão seria uma quilometragem que a prefeitura cederia para as escolas pra viajar. Então, o que ela tava fazendo, participando disso pra poder levar a gente pra escola. Era um financiamento de um ônibus e tinha uma quilometragem específica para cada escola.

3. Entrevista Giovana Galhardo Oliveira

Maria - Se apresenta, fala seu nome, idade, o que você faz.

Giovana - Giovana Galhardo Oliveira, 22 anos, faço Biblioteconomia na USP.

M - Você já participou de uma visita a um espaço cultural ou espaço de arte com a escola?

G - Já, eu fui no MASP em 2018.

M - Você estava no ensino médio?

G - No terceiro ano do ensino médio.

M - E era uma escola pública?

G - Isso.

M - Quantos anos você tinha na época?

G - 17 anos.

M - E quando essa visita aconteceu, teve algum tipo de mediação? Tinha uma pessoa que estava, um funcionário do museu, fazendo esse trabalho?

G - Não. Na época foi... Acho que a visita, pelo que eu me lembro, ela se deu em duas partes. A primeira que tinha os quadros lá do MASP. E essa, a minha professora, que era de literatura da escola, ela meio que fez uma mediação, porque ela sabia o que tinha. Ela foi mostrando para os alunos. E a outra foi...Eu não sei se era numa parte de baixo do MASP.

M - O subsolo?

G - subsolo. Eu acho que era esse que tinha artefatos de grupos indígenas, sabe? Na parte de baixo, entendeu? Aí essa parte é onde não tinha ninguém mesmo. Porque até mesmo essa dos quadros que eu falei, tinham funcionários que você pudesse perguntar, conversar, mas não era mediada. Mas essa do subsolo não tinha ninguém. Era só os visitantes mesmo. No dia que eu fui.

M - Entendi. Aí você foi com a professora de literatura, então?

G - Isso. Foi só ela, portugues e literatura.

M - Tá. E ela, tipo... Ela falou porque estavam indo no MASP? Fez alguma atividade antes de ir? Ou depois teve alguma coisa do tipo?

G - Então, desde o primeiro ano do ensino médio, porque é a mesma professora do ensino médio todo, desde o primeiro ano do ensino médio, é uma visita que ela sempre organizou para todos os anos. E tinha relação com várias aulas de literatura, que ela pegava vários quadros que tem no MASP. Então, ao longo dos anos, ela foi contextualizando. E

quando chegou, no terceiro ano, aí tipo, finalmente a gente vai agora no MASP e vocês vão ver as obras que a gente trabalhou em sala de aula, entendeu? Foi isso.

M - Legal. E ir lá no MASP te marcou de alguma forma?

G - Ah, sim, eu tenho foto até hoje. Porque eu nunca... Antes disso, acho que a última vez que eu fui em um museu era quando eu era criança, mas eu não lembro.

M - Então esse foi o primeiro que você foi.

G - Exato.

M - E você se sentiu acolhida no espaço do museu? Você lembra?

G - Assim, no dia que a turma foi, eu acho que foi numa sexta-feira, talvez. Mas eu me lembro que era um dia que estava muito cheio. Muito cheio mesmo. E não sei se todos os dias são assim lá no MASP, mas meio que você ficava meio deslocada. Acho que todo mundo. Me marcou no sentido de poder ir no museu, mas não necessariamente me marcou no sentido de eu poder me sentir ali presente, sabe?

M - Entendi. Às vezes, pra mim, pelo menos quando eu fui com a escola, que foi com a Gutenberg, pra mim marcou mais a viagem. Tipo, eu não lembro de nada que eu vi. Mas tipo, a viagem, o passeio é o que mais marcou.

G - Exato. Exato. Pra mim também, tipo, dos quadros, eu não me lembro da exposição em si, mas eu lembro de estar lá, eu me lembro das conversas que eu tive com os meus amigos, eu lembro da minha professora falando algumas coisas, mas eu não lembro da exposição em si. Eu só lembro da experiência, entendeu? Mas no museu em si não teve muita conexão. Só que eu não lembro.

M - Nossa, sim. Então a professora fez a mediação?

G - Fez.

M - E aí depois teve alguma atividade assim, ou não? na escola?

G - Não. Porque foi aquilo que eu falei. Ao longo dos anos a gente foi trabalhando literatura e muitos quadros que ela pegava eram que estavam no MASP.

M - Então já tinha uma relação construída antes.

G - Exato. É que esse foi... Essa visita foi no fim do ano letivo. Então nem iam ter mais aulas. Era uma aula final. Então depois não teve mais nada, sabe?

M - Sim. E quanto tempo levou para você ir no museu de novo, depois dessa vez?

G - Ah, foi esse ano.

M - Então de 2018 até 2023.

G - Cinco aninhos.

M - Quer falar um pouco sobre como está sendo visitar os museus?

G - Então, porque agora eu voltei, né? Eu fui com a turma de uma das disciplinas da faculdade. Por ser menos pessoas e eu já estar mais madura o suficiente para entender que eu estou indo lá não pela experiência só, né? Mas também pela exposição. Foi muito... Ah, eu não sei. Eu gostei muito de poder ir numa exposição no museu. Que é tão... Ai, São Paulo tem muitas atividades culturais, tem muitos museus. Então foi muito legal eu poder ir, experienciar e entender o que estava acontecendo na exposição. Então eu fui na que teve no Sesc do 24 de Maio, que foi do Darcy Ribeiro, 100 anos. A segunda eu visitei o Centro Universitário Maria Antônia. É, e de museu foi só isso. Tiveram outras atividades culturais, mas de museu foram esses dois, de exposição.

M - Esse tinha mediador? Tinha alguém falando? Ou eram vocês livres? Como que é?

G - O do Darcy Ribeiro, no Sesc, tinham duas mediadoras. Elas... É tanto que você precisava esperar, né? Num hallzinho lá que tinha, até elas chegaram. E aí elas iniciaram com...Tinha meio que uma sala, dentro da exposição tinha uma sala de... Ai, sei lá, contato de dinâmica, sabe? Que elas usavam. Elas usavam, então todo mundo se reunia em uma roda. Elas se apresentavam, pediam pra você se apresentar. Que eu acho que essa foi uma parte importante pra você...Pro pessoal lá se sentir mais... Pertencente a aquilo, né? Aquele momento. E aí... Elas explicaram que ia ser uma visita mediada. Que primeiro a gente...Elas iam dar uns 15 minutos pra gente dar uma olhada na exposição. E depois a gente ia se reunir lá pra fazer uma espécie de jogo de mímica. Só que eu me perdi nos 15 minutos. Eu já tinha ido meia hora. E ele já tinha terminado o jogo e eu não tinha participado.

M - Mas 15 minutos é muito pouco.

G - Exato! Essa foi a minha única crítica negativa a essa exposição. Porque tinha muita coisa. E você dar uma olhada... Sei lá, eu comecei a... Eu assisti os vídeos, colocava o fone. Comecei a ler todos os textos. Tinha muita coisa lá pra ser olhada só. Então eu achei que o tempo esses 15 minutos foram usados de forma muito rasa por elas. Nossa, achei isso super pouco.

M - Eu também!

G - Exato! Eu tive que fazer uma resenha e eu coloquei isso no meu relato. Achei ruim essa parte. Mas tudo bem. Aí depois disso, elas... Foram falar...Fazer a mediação, de fato. Elas estavam contando um pouco mais do Darcy Ribeiro. Uma parte que eu me lembro muito, que foi a que mais me marcou, no fim a gente foi na parte de exposição do prédio do Sesc que tem muitas janelas. Janelas grandes de vidro. Então dá pra você ver todas as ruas ali de fora. E como ficava na República, que é no centro histórico de São Paulo, então tinha muita coisa acontecendo ali. O que estavam contando é que ali tinham muitas pessoas de rua, que às vezes tentavam entrar, usufruir do Sesc. Que foi construído ali justamente pra ficar um pouco mais popular e acessível pra mais gente. Só que mesmo quando essas pessoas tentavam entrar no Sesc elas ainda sofriam discriminação. Então era meio que...A gente ali dentro da sala, do museu, a parte de dentro do prédio meio que parecia muito afastada da vida ali de fora. Então acho que essa foi uma das partes que mais me marcou.

4. Entrevista Beatriz Soares Rodrigues

Beatriz - Tá, meu nome é Beatriz Soares Rodrigues. Eu tenho 23 anos, sou de São Paulo. Eu nasci em São Paulo, eu moro na Zona Leste de São Paulo. Eu estudo agora na Faculdade de Artes da UNESP, que é na Barra Funda. Então eu venho da Penha até a Barra Funda. Sempre que eu preciso não, é todo dia.

Maria - Você já participou de uma visita mediada com a escola?

B - Já, sim. Quando você falou eu pensei muito na experiência que eu tive no Catavento, que foi essa...Eu não sei dizer se foi a primeira na real, mas é... No Catavento, que não foi essa a primeira. Eu acho que não foi, pode ter sido. Mas é que foi essa experiência bem marcante, porque é todo um negócio sensorial. E você fica botando a mão na bola que faz o cabelo subir. Mas pensando nessas exposições de artes e tudo mais, eu fiquei pensando essa semana. Eu lembrei de uma que teve, foi no Ibirapuera. Eu não sei, mas eu tipo não lembro o nome da exposição. Eu lembro tipo o conteúdo. Mas não lembro o nome. Eu acho que foi ou na OCA, ou em algum espaço que eles montaram pra exposição em específico. Mas eu acho que foi na OCA. Mas era... Foi com a escola, eles levaram a gente. Eu estudei em escola pública sempre, desde o começo que eu entrei em escola, sei lá. E aí foi a turma toda, foi tipo muita gente. Eu lembro disso, não foi só a minha sala, mas eles enfiavam um monte de gente junto. E aí é o mesmo rolê, tipo vai uma galera, mas aí eles separam as turminhas e você se separa das suas amigas. E você fica, “não, meus amigos...”. Mas, enfim, é isso que eu lembro. Eu lembro que eu tava meio de bode, porque separaram as minhas amigas e eu tava com um moleque muito chato que ficava dando em cima de mim. Eu ficava, mano, vai embora, pelo amor de Deus. Mas a exposição tava tendo essa mediação dos educadores, do museu. E era uma exposição... Alguma coisa sobre... Não sei dizer, mas tinha

muito sobre...Eu lembro que eu relaciono muito com o fundo do mar. Porque tinha umas obras muito interativas que você ficava tocando e muito parecia com um colchão de água. Então tinha vários momentos assim que é...nossa, eu lembro muito de uma obra que tava no chão. E era como se fosse um colchonete muito grande, mas ele... Não, não sei explicar, mas era tipo um saco e tinha água dentro. Só que ele era fininho, então você ficava tocando assim e aí a água ia pra lá, ia pra lá... E aí eles ficavam... O pessoal da mediação...Como é aquela palavra? “Pode tocar, pode se jogar em cima, faz o que vocês quiserem e tudo mais.” E aí tinha muitos disso. Muitas obras acho que relacionadas com elementos da terra e sei lá o quê. Então tipo água e aí terra, tinha umas coisas de madeira e barro, assim, duro. E era tudo meio interativo e eu lembro que era meio suja também essa parte da terra. Porque o pessoal usava bastante e aí, enfim, ficava...

M - E podia tocar em tudo.

B - Podia. E aí farelinhos pra todo canto e tudo mais. Tipo, não em tudo, na real. Acho que eles indicavam a gente, guiavam a gente muito bem.

M - Mas o que fica na memória é o que pode tocar né

B - Eu boto fé que tinha muita coisa na parede e tudo mais, mas o que eu tava olhando era aquilo... Eu não lembro quantos anos eu tinha, mas eu era bem novinha ainda, tipo... Eu vou falar, tipo, 10, 9 anos.

M - Foi no ensino fundamental?

B - Foi. Tipo, antes do quinto ano. Sexto ano. Bem novo. E aí... E aí eu lembro que o final da exposição meio que acabava nesse piso lá de cima, se a gente subia. E era meio que uma sala escura e tinha esses colchões de água de verdade agora. E a gente podia deitar e aí o rolê era ficar deitado nele e aí olhando pra cima. Que tinha uns sons rolando assim na sala e tava tudo escuro e era meio azul. Ai, era uma loucura. E aí eu lembro que foi muito gostoso isso, de ficar deitado no colchão, porque dava um negocinho, mas era gostoso. Tipo, a água... Foi essa. Eu não lembro o nome, eu não lembro nada de artista.

M - O professor que levou vocês, tipo, era um professor de arte?

B - Eu não lembro disso, mas eu lembro que as atividades depois... Tipo, o responsável que levou a gente eu não lembro, mas as atividades foram muito pra aula de artes. Então a professora ficou tipo, vamos relacionar o que a gente fez lá. Então eu lembro que teve uma atividade meio... Ah, e como foi lá? Tipo, desenhei como foi. E aí eu me desenhei no colchão de água, assim, olhando pro teto. É, acho que teve muitas coisas assim. Eu acho que, enfim, acho que essa escola sempre fazia, tentava fazer esses passeios e tudo mais. Mas sobre essas atividades, essas mais do começo, era muito... Ah, desenhem como foi. Eu lembro muito disso, mas quando eu fui crescendo, assim, fundamental 2, tipo, últimos anos, ensino médio, eles tinham um conceito, uma síntese que você tinha que fazer nas aulas, tipo, as

atividades. Então era tipo, ah, relaciona isso com isso, tudo mais. Mas é, pensando, tipo, eu acho que no começo... Não, acho que no meu ensino médio eu comecei a ir em mais exposições, assim, que eram mais de artes e tal. Tipo, na FILE, a gente sempre colava e tudo mais. E aí era outra, que essa aí é com os professores de artes, assim. Eu me lembro muito bem, isso é mais ensino médio, tipo, outra exposição que eu fui. Enfim, professor ensino médio, aí a turma toda, também escola pública, tudo mais.

M - De mediação, você não lembra?

B - Então, o que eu lembro é eles guiavam... era esse educador aí que tava com o meu grupo. Então, tipo, eu vou ser o dono de vocês, professor. E aí, é esse rolê, essas pessoas que guiavam, tipo, ah, pode tocar, pode se jogar em cima, não, não, não. Eles que falavam. E nessa última, no finalzinho da exposição, que você ia pro colchão lá, eles ficavam, tipo, fazendo umas questões assim, tipo, aí, o que vocês estão sentindo, o que vocês estão escutando, tarará. E era muito do educador, assim, era maneiro.

M - E te marcou, então?

B - Marcou. Mas eu queria saber o nome, foi bem legal. Foi bem legal.

M - Você acha que, tipo, influenciou, não só essa, mas as outras exposições também, tipo, influenciou a fazer artes?

B - Não sei. Eu acho que pode ser uma questão, nunca pensei nisso. Mas, é... O que me marcou muito, que eu falei agora, foi esse rolê da interação, né? Então, é... Quando tem algo pra interagir, eu sempre curto e tudo mais. E aí, acho que isso fala muito do meu trabalho agora, de, tipo, ter interação e poder tocar. Então, eu acho que pode ter uma influenciadinha, mas eu acho que eu nunca pensei, tipo, aí, fui no museu e voltei falando, vou fazer isso. Nunca foi isso. Mas, acho que essa sensação que dá quando a gente se envolve com o trabalho se relacionou. Isso é maneiro. Boa pergunta.

M - E pra você visitar um museu de novo, quanto tempo demorou? Por exemplo, você já foi com a escola.

B - É, muitas vezes com a escola. Mas, é isso. Eu acho que... Quando eu era mais nova, nessa época mesmo, era um evento mais... Yes, passeio! Não acontecia muito e tal. Mas, acho que sempre quando acontecia era muito divertido e tudo mais. Então, acho que deve ter tido, mas, enfim, espaços normais de meses e tal. Quando eu comecei sozinha, acho que foi só, tipo, depois de ensino médio e tals. Fui no MASP e dar um rolê com a namorada no MASP.

M - No ensino médio você fazia...

B - Eu fiz a ETEC, técnico de comunicação visual. É meio que um curso de design, vou colocar assim. Mas tem muitas teorias que a gente aprende aqui, semiótica, coisa de fotografia, blá, blá, blá. Que eu já, tipo, já sacava lá. Coisas de ateliê, gravura. Não, gravura eu não sei, mas serigrafia, pintura, aula de desenho. Era muito... Tinha muito disso. Então, os professores já eram mais antenados no rolê. Tipo, vamos colocar vocês dentro desses espaços, levando vocês pra museus e tudo mais. Mas era bastante museu, acho que o espaço que, tipo, não exploravam muito era esse rolê de galeria e tudo mais. E esses espaços culturais mais, tipo, funarte, centro cultural. Era muito museu, instituição, blá, blá, blá, blá, blá. Que eu acho que seria legal se fugisse um pouquinho disso.

M - E você entrou lá tem que fazer prova, né?

B - Faz o vestibulinho.

M - E aí você queria esse curso?

B - Não! A minha mãe me obrigou a fazer. Assim, eu não queria ir para a escola de ensino médio que o meu irmão estava indo. Porque, mano, eu cansei de ir para a mesma escola e tudo mais. E eu já gostava de desenhar e tudo mais. Então eu estava meio que numa época, saindo da oitava série, no ano, sei lá. E eu fiquei, não quero ir para essa escola. E aí eu comecei a fazer vários processos de escola particular. Só que, mesmo assim, era muito caro, mesmo com bolsa. E aí minha mãe falou assim, ó, você vai fazer essa prova aqui, da ETEC. E você vai passar. E aí eu fiz, então foi meio que minha mãe me colocou lá. E eu fiz, eu passei e aí, tipo, entrei no curso. Yes, é aqui que eu tenho que ficar. Foi muito bom. Nossa, menti um negócio. Mas eu falei agora desse rolê, tipo, seria mais legal se levássemos para a gente fora desses espaços institucionais e tudo mais. Mas eu lembrei, um rolê que a gente deu foi... A gente foi... Não sei, mas eu acho que é tipo... Centro Cultural, Casa de Cultura, na Coab 2. Que é tipo Itaquera. Era perto do Terminal Itaquera, acho. E aí a gente foi ver uma exposição lá. E aí a professora arrastou a turma toda e falou, vamos. E vamos. E aí a gente foi. Mas eu não lembro muito bem sobre o que era a exposição, mas era muito maneira. Tinha uma coisa a ver com o Pixo. Isso foi bem legal. E aí também acho que na ETEC comecei a ir mais para esses espaços de tipo... Fora do centro. São Paulo, porque da penha para o tatuapé, indo para o centro e tudo mais. E aí eu estava indo mais para o extremo leste. Então eu vim nesse rolê da Cohab 2. E ir para Centro Cultural. Sabe? Enfim, mais para lá. Acho que esses foram momentos legais. Que aí você entra em um contato com uma arte de periferia que é tipo... Você conhece mais, relaciona mais. Era mais maneiro. É isso.